

REVUE SPIRITE

Journal d'Études Psychologiques
Fondée par ALLAN KARDEC



CEI

CONSELHO
ESPÍRITA
INTERNACIONAL



Lei Causa Efeito
Não há efeito sem causa

Juntos

na **Realização**
de Nossos
Propósitos

Editorial



JUSSARA KORNGOLD
SECRETÁRIA - GERAL DO CEI
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA



Ainda que no plano material a fundação do CEI tenha sido elaborada no curso de apenas alguns anos, antes de sua abertura oficial em novembro de 1992, sabemos que um órgão desta natureza já havia sido idealizado no plano espiritual.

Tendo por missão a divulgação das leis divinas demonstradas na vivência e ensinamentos daquele que é a expressão viva do Evangelho, Jesus - que nos disse que enviaria mais tarde o Consolador Prometido -, o CEI expressa com fidelidade os ensinamentos contidos no Pentateuco Kardequiano.

Uma missão de tal monta seguramente não seria possível no trabalho isolado, mas apenas numa união consolidada de todos aqueles que vêm se dedicando não somente à disseminação da luz e da verdade, mas acima de tudo a romper as portas da morte, declarando que o espírito sobrevive, que as dores passarão e um novo alvorecer nos espera.

Hoje, somos vinte e três países espalhados pelo mundo, representados por seus órgãos oficiais, que abrangem milhares de instituições espíritas.

Possamos seguir juntos, como fiéis tarefeiros que foram chamados a colaborar na vinha do Pai, fortalecendo ainda mais a nossa união.

“Solidários, seremos união. Separados uns dos outros seremos pontos de vista. Juntos, alcançaremos a realização de nossos propósitos.”¹

1. XAVIER, F.C., Bezerra de Menezes (Espírito), “Mensagem de União”, in *Caderno de mensagens*, Cap. 13.

Revue Spirite

Journal d'Études Psychologiques Fondée par ALLAN KARDEC le 1er janvier 1858

Propriedade do Conselho Espírita Internacional (CEI)

Logo et Marque Européenne enregistrée à **L'EUIPO** (Office de l'Union Européenne pour la propriété intellectuelle)

® **Trade mark** 018291313

Marque française déposée à **L'INPI** (Institut National de la Propriété Intellectuelle) sur le numéro ® 093686835.

**Editado por**

Federação Espírita Portuguesa

Praceta do Casal Cascais 4, r/c, Alto da Damaia, Lisboa

ISSN 2184-8068

Depósito Legal 403263/15

© **copyright 2022**

Ano 165

Nº9

CEI | Trimestral | outubro 2022

Distribuição gratuita

Direção (CEI)

Jussara Korngold

Coordenação (FEP)

Vitor Mora Féria

Coordenação Editorial

Sílvia Almeida

Edição e revisão de texto

Cláudia Lucas

José Carlos Almeida

Web

Marcial Barros

Nuno Sequeira

Sandra Sequeira

Arte e design

Sara Barros

revuespirite@cei-spiritistcouncil.com

www.cei-spiritistcouncil.com

Conteúdos

2	Editorial	Jussara Korngold
8	Espiritismo e Ciência	Otaciro Rangel Nascimento
26	Espiritismo e Filosofia	Humberto Schubert Coelho
40	Espiritismo e Religião	Romero de Matos Esmeraldo
64	Revisitando a Revista	Sílvia Almeida
80	A Geração Nova	Marlon Reikdal
120	Palestras Familiares de Além-túmulo Hoje	Espírito Bezerra de Menezes
126	Plano Histórico	Equipa Revue Spirite
138	Entrevista	Comissão Executiva CEI
148	Espiritismo e Sociedade	10°CEM



Equipa

Revue Spirite

Com este Número da Revue inauguramos um novo tema de reflexão: "Lei de Causa e Efeito".

Sendo uma das Leis de Deus, a Lei de Causa e Efeito é traduzida na proposição que não carece de demonstração utilizada pela Ciência, de que Não há efeito sem causa.

Através dela, chegamos não só à Existência de Deus: "Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá"¹; mas também à razão de ser da vida: "A vida é um efeito devido à ação de um agente sobre a matéria..."²; à causa das diferenças de carácter entre os Homens, e das suas diferentes provas e expiações: "é (assim) que os Espíritos adquirem aquele conhecimento. Uns aceitam submissos (...) e chegam mais depressa à meta que lhes foi assinada. Outros, só a suportam murmurando e, (...) permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade"³; à explicação

das simpatias e antipatias entre os seres: "Entre os seres pensantes há ligação que ainda não conheceis. O magnetismo é o piloto desta ciência, que mais tarde compreendereis melhor"⁴; à explicação do sono e dos sonhos: "Os sonhos são efeito da emancipação da alma..."⁵ e uma infinidade de explicações que nos desvendam os enigmas da existência, ampliando conhecimentos e percepções. A finalidade única? Lançar luz sobre o caminho mais veloz para o progresso e para o aperfeiçoamento individual.

Fica-nos o convite, pela pena do próprio Allan Kardec (que esperamos que publicações como esta contribuam para reforçar):

"Factos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele [o Homem] os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as consequências e busca as aplicações úteis."⁶

1. ²³⁴⁵ KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*.

2. ⁶ KARDEC, Allan, *A Gênese*.

HISTÓRIA DA CAPA

No mundo nada acontece por puro acaso, pois o acaso não existe, porque não existem margens nas Leis de Deus.

A Lei de Causa e Efeito é um dos princípios que regem o Universo; funciona em todos os domínios.

Segundo ela, para toda a causa existe um efeito, ou seja, toda a ação gera uma reação.

A vida está imersa nessa grande rede, que nos liga aos nossos atos de consequências intransferíveis. A ligação existente entre a nossa conduta e o resultado que ela produziu é o vínculo entre o facto e sua consequência.

Na nossa escolha de capa: o reflexo do ato, as consequências, a relação entre os vários fatores, entre o agente e a ação, a dimensão do impacto na relação com o tempo...

NOTA: Relembramos que optámos por manter a grafia e a construção sintáctica do país de origem dos autores. Assim, o leitor encontrará, nas páginas desta série da *Revue*, artigos cuja redação obedece às normas do Português do Brasil e outros redigidos segundo as regras do Português de Portugal.



1



2



3

“
Haverá na
experiência de
cada um de nós
a **ordenação** do
Criador e o
serviço da
criatura”*

*XAVIER, F. C. (Emmanuel, Espírito). *Vinha de Luz*. Cap. 19.

1. **Lucas Newton**, "**Causa e Efeito**", a nossa escolha de capa para o número 9 de *Revue Spirite*
2. **Evgeny Ozerov**, estudo de capa.
3. **Hp Koch**, estudo de capa.

Espiritismo e Ciência face a face



***Otaciro Rangel Nascimento**

Doutor em Física e Professor Sênior do Instituto de Física de São Carlos (IFSC, Usp) Universidade de São Paulo, Brasil e pesquisador na área de Física de Moléculas de interesse biológico, com mais de 240 trabalhos publicados em revistas internacionais. Nascido em Goiânia, Goiás, Brasil.

Palestrante Espírita e autor do livro *Das Causas Primárias*, (Editora FEEGO).

Vice presidente da Associação Espírita Obreiros do Bem (SEOB), em São Carlos, São Paulo, Brasil.

OTACIRO RANGEL NASCIMENTO*

Lei de Causa e Efeito e Livre-Arbitrio

Resumo

Neste trabalho apresentamos as leis de Causa e Efeito e Livre-arbítrio como leis coadjuvantes de uma lei maior, a Lei de Evolução espiritual, juntamente com a lei mecanicista da reencarnação como processo de aquisição de experiências. Estas três leis, corolários da Lei de Evolução, representam os recursos promulgados pela Inteligência Suprema do Universo, cujo objetivo na criação do princípio inteligente e do princípio material, é permitir que o ser, inteligência menor, progrida desde a forma mais simples de sua expressão na vida até às culminâncias de Espírito puro, colaborando desde a sua criação, com a harmonia da vida e com as grandes realizações do ser imortal superior. Correlacionamos a Lei de Causa e Efeito com o crescimento da capacidade de escolha do ser consciente (livre-arbítrio), na fase humana da vida, como um recurso regulador da responsabilidade do ser individual na sua atuação na vida de relação, como meio de aprimoramento moral do ser espiritual em evolução. Representamos esta correlação em um gráfico ilustrativo.

Palavras-chave Lei de Causa e Efeito, Livre-arbítrio, Lei de Reencarnação, Lei de Evolução, Espírito imortal.



Photo by NASA, on Unsplash

“

**A matéria é
o laço que
prende o
Espírito**

Para tratarmos do tema Lei de Causa e Efeito e Livre Arbítrio será necessário contextualizá-lo dentro de uma lei mais geral que é a Lei de Evolução.

Na primeira parte de *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec faz o seguinte questionamento aos Espíritos (pergunta 22.a):

"Que definição podeis dar da matéria?"

A matéria é o laço que prende o Espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação."

E Kardec faz o seguinte comentário: "Deste ponto de vista, pode dizer-se que a matéria é o agente, o intermediário com o auxílio do qual e sobre o qual atua o Espírito."

Como os Espíritos se classificam de Espíritos imperfeitos até Espíritos puros¹ podemos entender que a matéria precisa existir, desde a forma mais grosseira até à mais sutil, para atender as necessidades de uso e ação dos Espíritos em todas as ordens evolutivas em que se encontram.

Na resposta à pergunta 27, a partir da terceira frase, os Espíritos introduzem um conceito de matéria elementar ou princípio material, o *fluido universal*, extremamente sutil e imperceptível aos nossos sentidos e também aos nossos processos de detecção da matéria já desenvolvidos pela Ciência, do qual os Espíritos constroem os seus corpos espirituais, denominados *perispíritos*. É através deste corpo espiritual que os Espíritos agem em toda a forma de matéria existente no Universo.

Na pergunta 23, Kardec questiona os Espíritos:

"Que é o espírito?"

O princípio inteligente do Universo."

E através da sequência de perguntas feitas pelo Codificador, os Espíritos deixam claro que o princípio espiritual não se confunde com nenhum princípio material, são dois princípios distintos na sua essência.

E por fim Kardec faz a pergunta 27:

"Há então dois elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito?"

1. Ver "Escala espírita", em *O Livro dos Espíritos*, parágrafo 100 a 113.

“

**Lei de Causa e
Efeito é uma lei
reguladora que
funciona como
guia**

Sim e acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo que existe, a trindade universal....”

Podemos então concluir que tudo em a natureza tem como elementos básicos, *Deus* como criador ou fonte inteligente de tudo que existe; elemento material como o *fluido universal* que preenche todo o Universo e o *princípio espiritual* como a manifestação das inteligências, expressas nos seres inteligentes que povoam o Universo. *Deus, princípio material e princípio espiritual* são os três pilares de sustentação de toda a realidade universal.

Dentro dos conceitos da Ciência oficial, também temos três elementos que constituem os três pilares que estruturam cosmologicamente o Universo observável que são: *a matéria atômica* constituída pelas partículas elementares incluindo os fótons como radiação eletromagnética; *a matéria escura* descoberta por seus efeitos gravitacionais e *a energia escura* que garante a expansão do Universo.

Nos conceitos científicos oficiais, a vida e o ser humano são resultados das organizações materiais.

Nos conceitos da Doutrina dos Espíritos, codificada por Allan Kardec,

Deus é a fonte inteligente do Universo, criando princípio material e princípio espiritual.

Do ponto de vista evolucionário, o princípio espiritual se associa ao princípio material elementar ou Fluido Universal e estrutura um *corpo espiritual* (perispirito) à sua volta para, através deste corpo, agir sobre toda *estrutura material mais grosseira* (corpo biológico) intelectualizando-a e expressando a *vida*. Através deste recurso, o princípio espiritual começa a sua jornada de experiências, arquivando todas as conquistas feitas das mesmas, construindo um banco de memória automática que nos animais superiores reconhecemos como *instintos*. Quando este princípio espiritual, já individualizado, adquire a consciência de sua própria individualidade, ele deixa de ser um simples princípio espiritual para ser um *Espírito* com os primeiros atributos da *consciência, vontade e livre-arbítrio*. A partir daí, como Espírito humano, começa a sua jornada evolutiva através da contínua aquisição de experiências como Espírito imortal, construindo um novo banco de memória, agora consciente, rumo à angelitude espiritual ou à posição de Espírito puro. Para seguir em sua jornada contínua, o princípio espiritual tem que contar com um mecanismo de associação com a matéria

biológica (nascer) e desassociação dela (morrer) por causa da natureza temporária deste corpo material grosseiro: este mecanismo é a lei das múltiplas vidas biológicas ou Reencarnação e o princípio espiritual faz esta conexão com a matéria grosseira (ou atômica) através do corpo espiritual feito de Fluido Universal.

Nas experiências mais primitivas da vida, através da interação do princípio inteligente com a matéria mais grosseira, a *mônada celeste*, no dizer de André Luiz no livro *Evolução em Dois Mundos*², vai armazenando informações de forma repetitiva, construindo, ao longo de muitos milhões de anos, os primeiros impulsos das emoções básicas. Estas emoções básicas vão ser guias para o sentir agradável e desagradável, recurso de manutenção e preservação da vida biológica, pelo máximo de tempo possível em cada jornada (instinto de sobrevivência), para então se desprender dela, por ação da morte biológica. Desprendido, se liga novamente em um novo começo com mais recursos acumulados, agora em espécies cada vez mais sofisticadas para alcançar degraus mais altos no processo da vida física e espiritual, estagiando assim nos dois lados do Rio da Vida. Neste caminho, na percepção do prazer, desde cedo, os rudimentos da lei de ação e reação já se expressam no ser vivo pelas “escolhas” instintivas na manifestação da vida. Mas esta lei só vai se tornar a Lei de Causa e Efeito quando, de *mônada celeste* já individualizada, se torna *Espírito imortal* na fase humana, com *consciência* da própria individualidade, quando começa a exercitar a capacidade de escolha

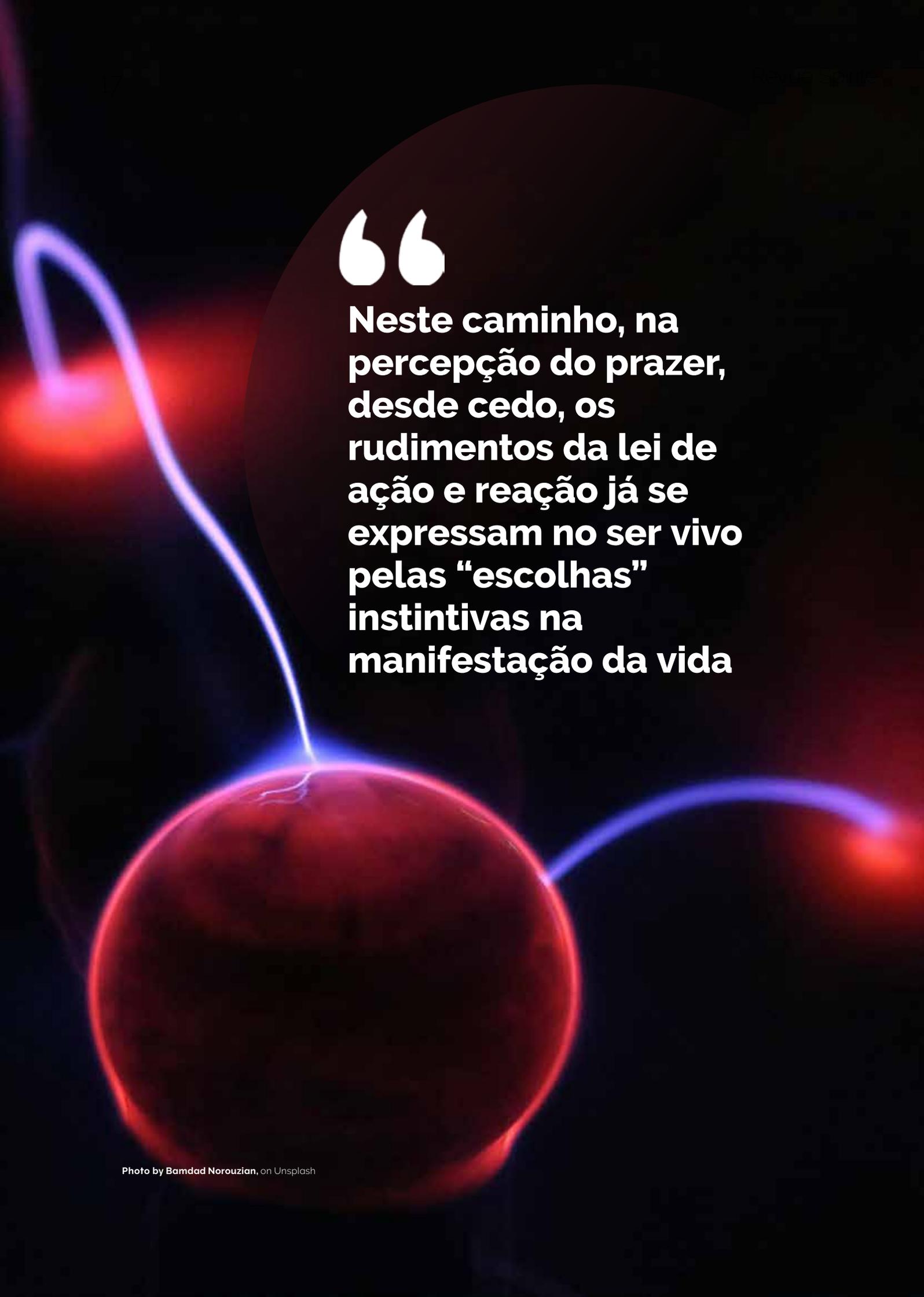
por *vontade* própria, transformando a percepção do agradável e desagradável nos conceitos morais do bem e do mal. Fica assim bem claro que esta Lei de Causa e Efeito é uma lei reguladora que funciona como guia, para levar lentamente a *mônada celeste*, da transformação deste sentido do prazer *agradável e desagradável* à concepção de *bem e mal* na consciência desenvolvida do Espírito. Por esta razão, somente o ser consciencial pode desenvolver conceitos morais.

Assim, podemos elaborar, com esta visão rápida do processo da vida, desde a célula mais rudimentar até o homem (em alguns bilhões de anos na Terra) a Lei de Evolução, que se apresenta como impulsionadora do progresso do ser inteligente, precisando, ao longo do caminho evolutivo, de leis adicionais coadjuvantes, a saber: a Lei da Reencarnação, a Lei do Livre-arbítrio e a Lei de Causa e Efeito, como leis básicas da vida. Com estes recursos dados pela Sabedoria de Deus, o Princípio Inteligente é capaz de levar, nesta Harmonia da Vida, nas diferentes fases de sua expressão, em alternância no mundo físico e no mundo espiritual, o seu progresso adiante de forma inexorável.

Para deixar claro o papel do Livre-arbítrio e da Lei de Causa e Efeito na vida, vamos lembrar a evolução humana a partir de algum momento da vida do Homo em que podemos ter a certeza da sua consciência como ser individual.

Dos estudos arqueológicos e antropológicos sabemos que o Homo *abilis* (cerca de 2,5 milhões de anos atrás) já possuía várias capacida-

2. Cf. Xavier, “Evolução em Dois Mundos”, 22 e 31-35.



“

Neste caminho, na percepção do prazer, desde cedo, os rudimentos da lei de ação e reação já se expressam no ser vivo pelas “escolhas” instintivas na manifestação da vida



“

**a aquisição da
consciência de si
mesmo permite ao
ser vivo o acesso
consciencial da
memória**

des hominais que ficaram mais definidas no *Homo erectus* (cerca de um milhão e meio de anos atrás) mas é difícil reconhecer nestas espécies a consciência de sua individualidade. Se lembrarmos que o homem mais antigo que durou mais tempo até próximo de nossa era foi o *Homo neandertalensis*, ele pode ser um bom candidato para ser considerado dono da própria consciência. Certamente também o *Homo sapiens*, do qual somos herdeiros mais diretos. Estas duas espécies já teriam conseguido a consciência da própria individualidade. A data mais antiga dos *neandertalensis* é de cerca de 400 mil anos e dos *sapiens* 190 mil anos. É bom lembrar que os *neandertalensis* foram extintos pela época de 40 a 35 mil anos atrás, enquanto que o *Homo sapiens* se transformou no homem moderno. Tomaremos então o *Homo neandertalensis* como nossa referência de aquisição da consciência, da razão e do início da construção da memória consciencial, agora no Espírito humano. Anterior a esta referência, o domínio do instinto (memória automática) era praticamente absoluta. Assim, para a humanidade ou o Espírito humano, começa no *neandertalensis* a fase do Mundo Primitivo, de acordo com a classificação espiritual de mundos, feito por Allan Kardec, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*³.

Porque falamos isto aqui? Porque a aquisição da consciência de si mesmo permite ao ser vivo o acesso consciencial da memória do dia anterior e então, como consequência, a capacidade de escolher entre repetir a experiência vivida ou experimentar coisa nova, isto é, a capacidade de escolha determinante da aquisição do *livre-arbitrio*. Temos com estes raciocínios, 400 mil anos de exercício da nossa capacidade de escolha e um banco de memória consciencial respeitável nestas milhares de encarnações vividas na Terra e também nos intervalos entre uma vida física e outra, nas aquisições no mundo espiritual. Com o tempo, aprendemos a distinguir entre estas duas fases da vida, no corpo biológico

3. Ver Kardec, "O Evangelho segundo o Espiritismo", 66.

“
**a lei de
responsabilidade
é proporcional
ao conhecimento
já adquirido**

e fora dele, até adquirirmos no corpo a consciência de que somos *Espíritos imortais* (momentos atuais do homem). Há um "momento" antes desta consciência espiritual, em que, do ponto de vista social, adquirimos a consciência de nossa *responsabilidade* de indivíduo na vida de relação e, a partir daí, a Lei de Causa e Efeito começa a ser percebida por nós, permitindo assim as construções sociais da vida de relação e é isto que devemos chamar de processo civilizatório. Na nossa humanidade isto começa a ocorrer por volta de 15 mil anos atrás, para ser generoso com o tempo, porque esta transição de pré-história e história é penumbrosa. Podemos ainda pensar que a partir desta época o nosso mundo deixa de ser "Primitivo" e passa a mundo de "Expições e Provas". A palavra expiação tem que ver com responsabilidade.

Emmanuel, no seu livro psicografado por Francisco Cândido Xavier, *A Caminho da Luz*⁴, nos afirma que a Terra recebeu milhões de Espíritos exilados de outro sistema planetário ao redor da estrela Capela (41 anos luz afastada de nosso sistema) na constelação do Cocheiro, fato ocorrido por volta de 12 mil anos atrás. Estes Espíritos oriundos de um mundo intelectual e moralmente mais avançado que o dos terráqueos por este tempo, nos ajudaram a construir a nossa civilização. Certamente neste tempo a Terra já havia mudado de Mundo Primitivo para Mundo de Expições e Provas, garantia do amplo estágio de uso do livre-arbítrio e da Lei de Causa e Efeito em nossos processos evolutivos.

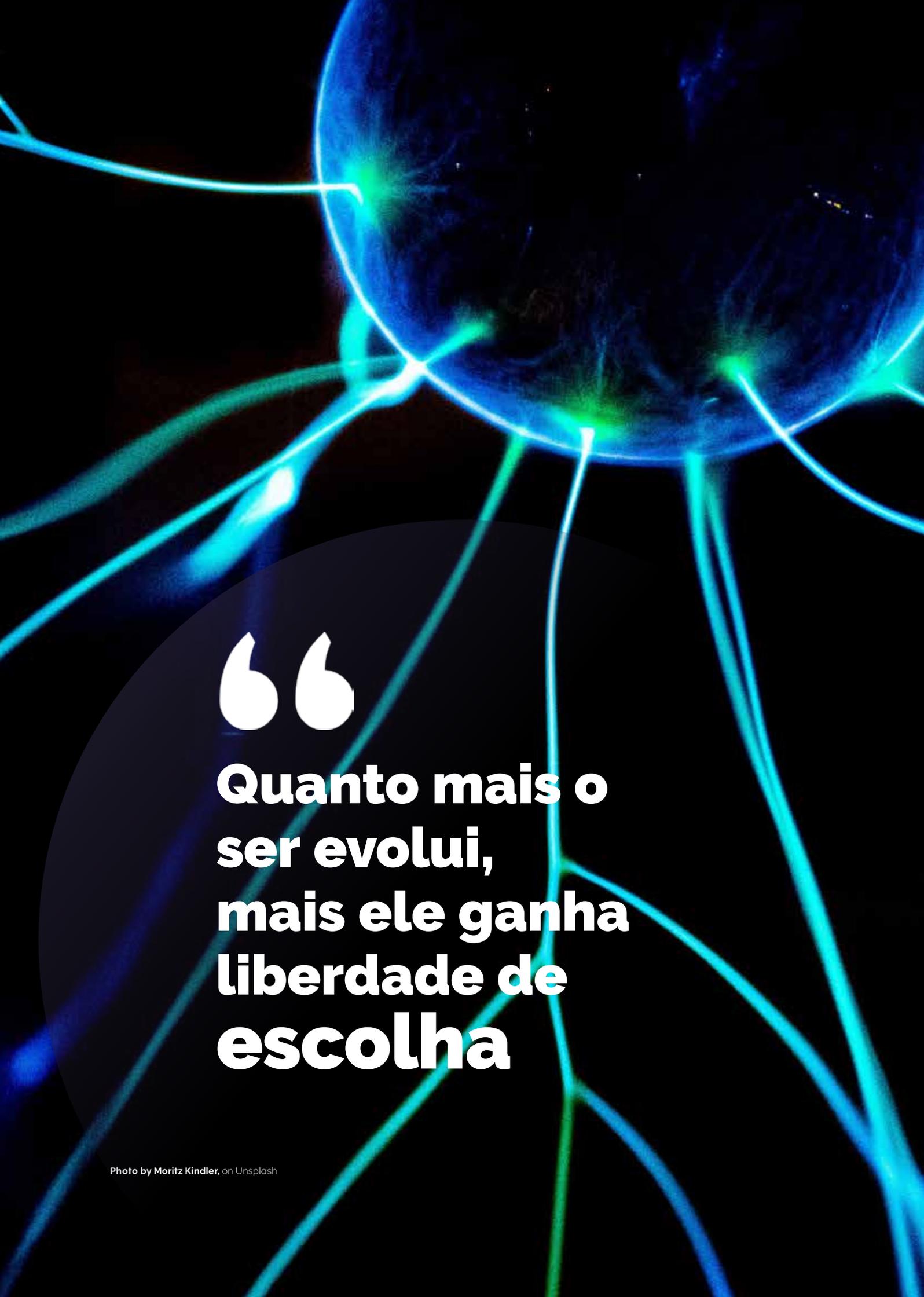
Em *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, nas perguntas 118 e 778, os Espíritos afir-

mam que não regredimos em nossa evolução e isto nos dá certeza de que nesta época a Terra já estava no nível de Expições e Provas para poder receber os exilados de Capela. O termo expiação implica que o Espírito, se sentindo culpado por escolhas equivocadas, que prejudicam a si mesmos e a terceiros, necessita de reconciliação com a sua consciência e então renasce na vida física com planos de ressarcimentos e correções como consequências naturais destas más escolhas. É assim que a Lei de Causa e Efeito, através das reencarnações, vai permitindo correções e ajustes de rumos para o incessante progresso espiritual. Cada escolha feita com o uso do Livre-arbítrio vai trazendo consequências de mesma natureza das qualidades da escolha, permitindo ao Espírito se enriquecer de experiências acumuladas, rumo à plenitude espiritual. Quando as escolhas são boas, as consequências boas o estimulam em um progresso mais rápido e quando são ruins criam vínculos de cobranças dos prejudicados, que nem sempre perdoam, e estas pendências atrasam o progresso do Espírito. Com o acúmulo destas experiências vamos criando *laços* de amizades e *nós* de inimizades, formando uma *teia* de relações que, não só caracterizam os núcleos familiares, como também os vínculos em sociedade e em cada reencarnação vamos nos diligenciando para fortalecer os *laços* e desatar os *nós*, transformando-os em *laços* na direção do nosso aprimoramento na conquista do amor universal.

4. Xavier, "A Caminho da Luz", 58.

Um ponto importante que precisa ser esclarecido é que a lei de responsabilidade é proporcional ao conhecimento já adquirido pelo indivíduo e as consequências das escolhas equivocadas podem, por isto mesmo, restringir a liberdade de escolha para o Espírito, que fica muito comprometido pelas violações dos direitos alheios. Podemos expressar esta dependência do Livre-arbitrio com a Lei de Causa e Efeito através de um gráfico construído por duas retas oblíquas com um vértice comum. O vértice representa o momento da aquisição da razão ou consciência da própria individualidade com o início da capacidade de escolha, ou vontade consciente. A reta oblíqua à direita representa o Livre-arbitrio, que vai aumentando com o tempo de aquisições experienciais nas vidas sucessivas, enquanto a reta oblíqua à esquerda representa a Lei de Causa e Efeito, que também aumenta o seu rigor na medida das conquistas feitas pelo Espírito em evolução. Quanto mais o ser evolui, mais ele ganha liberdade de escolha e mais ele se torna responsável pelas escolhas feitas. Esta responsabilidade aumenta tanto para as boas escolhas quanto para as más. O zigue-zague em verde representa os processos cíclicos realizados no mundo físico e no mundo espiritual, através da Lei de Reencarnação.





“

**Quanto mais o
ser evolui,
mais ele ganha
liberdade de
escolha**

É preciso esclarecer também que o progresso espiritual da humanidade terrena é auxiliado e assistido por Espíritos superiores, já evoluídos em processos anteriores àqueles da evolução na Terra (Deus cria sempre), por trabalhos missionários, pois nascem entre nós para irem adiantando informações sobre estas noções de espiritualidade. São exemplos destes fatos a presença de Moisés, Confúcio, Lao Tsé, Buda e tantos outros que deixaram suas marcas culturais no desenvolvimento de diferentes povos. Assim, *fazer aos outros aquilo que gostaríamos que os outros nos fizessem*, é um conceito antigo e presente em todas as filosofias mais antigas da nossa história. E este conceito moral retrata com clareza a nossa responsabilidade como indivíduo social, na vida de relacionamento, como um princípio de justiça, retratando a Lei de Causa e Efeito como um preceito anterior à nossa concepção de que somos um ser espiritual imortal em processos de progresso, através das múltiplas existências, alternadas entre o mundo físico e o mundo espiritual.

Com a vinda de Jesus, estes conceitos tomam um vulto tão grande na humanidade que a presença dele entre nós dividiu a história em antes e depois dele. Jesus nos ensina a Lei de Evolução (Mateus, 5:48), a imortalidade da alma (Mateus, 17:1-9), a

Lei da Reencarnação (Mateus, 17:10-13; Marcos, 9:11-13; Mateus, 11:12-15; João, 3:1-12), a Lei de Causa e Efeito (Mateus, 16:7), a Lei do Livre-arbítrio (Mateus, 16:24). Entretanto, a absorção destes conhecimentos nos séculos posteriores à sua vinda ainda carece de uma compreensão mais profunda e adequada. Foi por isto mesmo necessário, e Jesus o afirma em seus ensinamentos (João, 14,15-17 e 26), que os Espíritos do senhor se movimentassem num esforço especial e de forma contundente, para trazer estes conhecimentos espirituais de forma ampla e clara, como foi a Codificação da Doutrina dos Espíritos, realizada por seu missionário Allan Kardec no século XIX. Vamos encontrar principalmente nas três obras de Kardec: *O Livro dos Espíritos*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*, todo o material de conhecimento necessário para o entendimento definitivo do papel das leis do Livre-arbítrio e de Causa e Efeito, no processo de nosso progresso espiritual que a Lei de Evolução nos confere, através da alternância da vida do Espírito imortal nos dois mundos: o físico e o espiritual. Parafraseando a inscrição do túmulo do professor *Hippolyte Léon Denizard Rivail*, no cemitério *Père Lachaise*, em Paris, concluímos:

“Nascer, viver, morrer, renascer ainda e progredir sempre é a inexorável Lei.”

Bibliografia

KARDEC, Allan. 1945. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB.

XAVIER, Francisco C. (André Luiz, Espírito). 1958. *Evolução em Dois Mundos*. Rio de Janeiro: FEB.

XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 1939. *A Caminho da Luz*. Rio de Janeiro: FEB.



**Nascer, viver,
morrer, renascer
ainda e progredir
sempre é a
inexorável
Lei**

Espiritismo & Filosofia

HUMBERTO SCHUBERT COELHO*



***Humberto Schubert Coelho** Trabalhador da Sociedade Espírita Primavera.
humbertoschubert@yahoo.com.br



Lógica & Metafísica

**Entre o livre-arbítrio e a lei de causalidade:
uma análise lógica e metafísica**



Resumo

A lei de causa e efeito é uma das estruturas mais básicas de ordenação da natureza, sem a qual nenhum conhecimento seria possível. Entender fenômenos significa conhecê-los as causas que motivaram sua existência, e ser capaz de prever em que condições fenômenos semelhantes podem ocorrer. Contudo, ou a causalidade opera de maneira puramente mecânica, e nesse caso temos uma visão determinista do mundo, ou existe a possibilidade de causar eventos a partir de decisões livres de um agente consciente. Nesse último caso, não apenas reconhecemos esse agente como responsável pelos eventos que produziu como também temos de explicar de que maneira agentes livres alteram a ordem causal natural.

Palavras-chave Razão, Liberdade, Livre-arbitrio, Causalidade, Responsabilidade.

O filósofo Immanuel Kant reconheceu como um conflito da razão o fato de ela elaborar duas ordens de causalidade possíveis, a mecânica e a livre. A ordem mecânica é causada apenas passivamente, de maneira cega, como as bolas de bilhar que não escolhem sua trajetória, a força que comunicam às outras no impacto, e, conseqüentemente, as mudanças de direção ocasionadas. Tudo isso ocorre de maneira exata e, portanto, previsível. Agentes livres, isto é, pessoas, são capazes de um tipo muito diferente de ação, caracterizada justamente pela intenção e pela espontaneidade. Assim, ao escolher erguer o braço ou dizer algo a alguém, não sou determinado por nenhuma força externa ou interna que me obrigue a erguer o braço ou dizer o que pretendo dizer. Essa discrepância, contudo, parecia um problema para Kant, pois entendemos a natureza como um sistema mecânico de causa e efeito, e uma ação livre acrescentaria ao sistema mecânico

uma causa não mecânica. Ele investiu grande energia nesse impasse em sua *Crítica da razão pura*, mas o resultado não soa satisfatório, e estava condicionado à mentalidade fortemente mecanicista da época.

O problema com o modelo de Kant era a assunção de um dualismo na realidade. Sem assentar sobre uma causa única, o sistema filosófico não conseguia conciliar dois mundos aparentemente opostos. Filósofos posteriores, na virada do século XIX, entenderam a necessidade premente de produzir para a filosofia uma perfeita unidade sistemática. A melhor solução encontrada foi a pressuposição de uma unidade absoluta de toda realidade, material e pensante, de modo que todos os eventos estivessem em harmonia, e a contradição entre as leis naturais e as morais não passaria de uma contradição aparente, condicionada por uma perspectiva limitada e não global, não integral da realidade.





Em suas investigações metafísicas, Allan Kardec parece ter alcançado solução semelhante para o problema da acomodação entre a lei de causa e efeito e a lei moral. Para começar, *O Livro dos Espíritos* resgata a noção de Deus como princípio absoluto da causalidade (*causa prima*). Sendo derivadas, tanto as causas materiais quanto

as inteligentes estão, assim, acomodadas sob o governo da causa diretora primária da realidade. Kant definira a existência dessa causa primeira como hipótese ideal reguladora do pensamento, isto é, questão de fé racional, mas reconhece que sem ela a razão é incapaz de compreender satisfatoriamente a realidade.

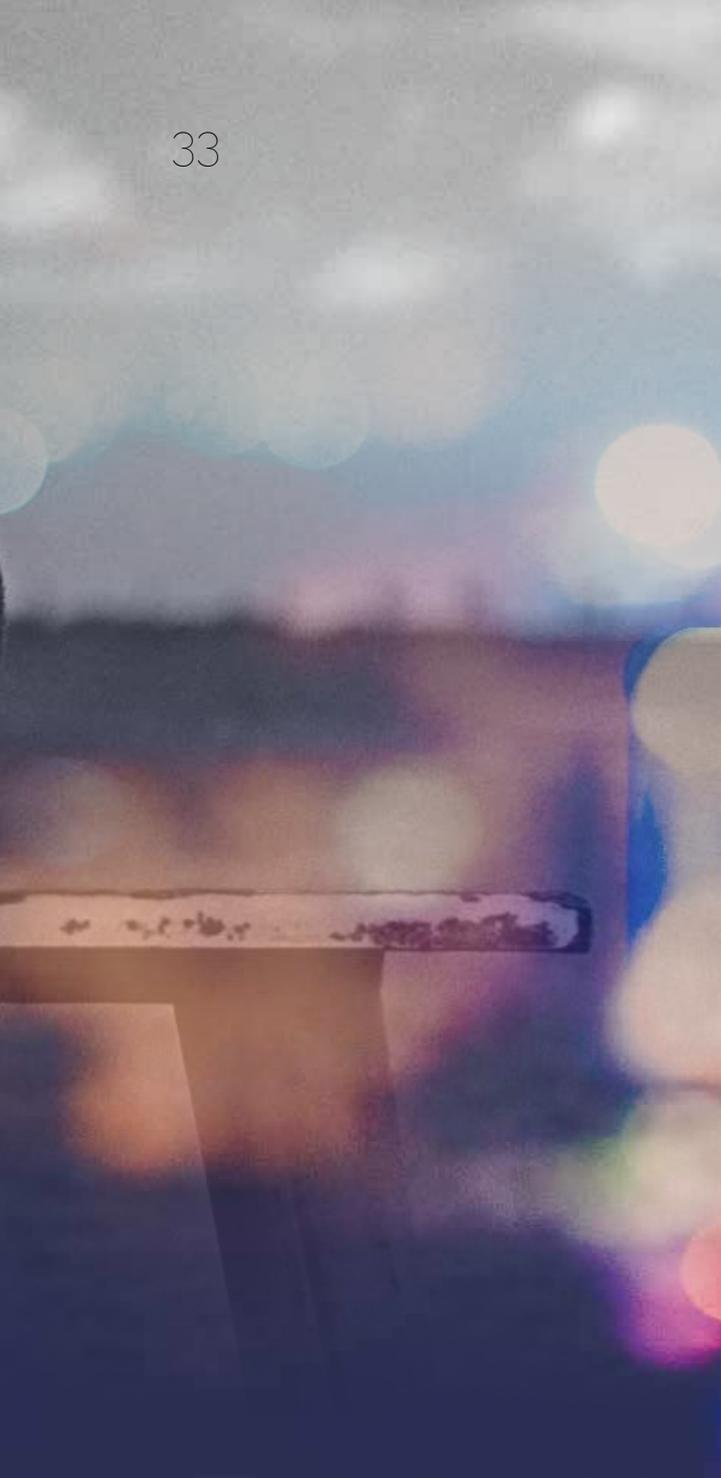


Image by S. Barros based on Sergey Vinogradov, on Unsplash

Definindo a liberdade, os autores de *O Livro dos Espíritos* afirmam que a liberdade plena só existiria no pensamento¹, já que todas as ações materiais estão limitadas e condicionadas pelas demais leis naturais e pelas ações de outros seres pensantes. Do que discutimos anteriormente, então, resulta um problema. Nada parece impedir e obstaculizar a causalidade natural, mas o ser humano encontra muitos empecilhos à sua liberdade, e só a tem plena no pensamento. Ademais, outro problema agrava essa situação, o livre-arbitrio frequentemente é mal utilizado e leva ao constrangimento e tolhimento da liberdade do próprio agente e/ou da liberdade alheia. Assim como na tradição filosófica pouco anterior, portanto, o modelo espírita reconhece o livre-arbitrio como o “ponto problemático” da lei de causa e efeito.

1. Ver Kardec, “O Livro dos Espíritos”, q. 833 e 835.

Dizer que o agente é livre implica em três coisas diferentes. 1 - Que é livre para iniciar uma nova série causal material impossível sem o concurso de um agente inteligente. Ao decidir desviar o curso de um rio, o homem não age apenas como força natural, senão também como transformador intencional do curso natural dos eventos. Por isso dizemos que os seres inteligentes compõem um princípio peculiar da natureza, capaz de intelectua-lizar a matéria. 2 - Que é responsável pelos seus atos, isto é, que os efeitos são julgados tendo em vista uma causa livre, e não mecânica. Na ordem natural, não culpamos a causa material pelos efeitos, mesmo quando esses se mostrem danosos. Trata-se da ação "cega" da matéria. Ninguém considera mau o leão que abate uma pessoa, pois, para o leão, o animal humano é fonte de alimento como qualquer outro. Atribuímos responsabilidade moral aos agentes livres por sabermos que eles poderiam ter escolhido outro curso de ação. São causadores conscientes e livres de tudo o que escolheram fazer. 3 - Que esta força peculiar da natureza (a força inteligente e livre) pode ser medida segundo a intensidade. Como toda a força natural possui grandeza relativa, a liberdade e a capacidade de ação/execução humana também tem de respeitar esse princípio na medida em que é causa natural de eventos, no mundo físico. Podemos medir essa intensidade materialmente, pelo grau de recursos ou poder sobre outros seres humanos que cada agente possui, ou podemos medir a intensidade de forma puramente moral, pela capacidade de superar os condicionamentos das paixões e impor sua vontade de acordo com a recomendação da razão. A esta segunda forma de poder chamamos santidade, força de vontade, ascendência espiritual ou grandeza de espírito.

“
**Amar é
fazer da
boa vontade
o móbil das
nossas ações**”

O livre-arbítrio depende, portanto, de duas condições: compreensão clara das possibilidades de escolha e vontade para fazer valer a decisão da razão sobre as influências das paixões. Não poucos pensadores materialistas tentaram invalidar a filosofia moral negando exatamente a capacidade ou mesmo a legitimidade da imposição da vontade racional sobre os desejos, defendendo estes últimos como mais naturais e, portanto, mais verdadeiros. Esta posição não deixa de conter certa verdade, uma vez que a capacidade de administrar racionalmente o comportamento e as emoções é, de fato, excepcional, ao passo que a subserviência aos interesses egoísticos e automatismos biológicos é a regra no comportamento humano. Dessas condições de funcionamento do livre-arbítrio derivam duas grandes máximas da filosofia espírita: amai-vos e instruí-vos. Amar é fazer da boa vontade o móbil das nossas ações, escolhendo sempre conforme o valor moral e não conforme o arrastamento dos interesses produzidos pelas paixões. Instruir é dar a conhecer as condições e as possibilidades de vivência, permitindo a cada indivíduo julgar por si e calcular as consequências de seus atos e escolhas.

2. Tratei desse problema em (Coelho, 2019).

A esta altura, o amigo leitor treinado em filosofia já observou que a “lógica moral” destacada no título do presente ensaio faz dupla referência a uma lógica categorial e operacional, de tipo clássico, como também a uma lógica metacategorial, isto é, sobre as condições de possibilidade de vigência das próprias estruturas básicas da moralidade: quais livre-arbítrio, liberdade, responsabilidade, lei moral etc. Em outras e mais simples palavras, a formação dos princípios morais inclui tanto “achar” princípios elementares de funcionamento do pensamento coerente (lógica) quanto desvelar a formação, origem ou produção metafísica dos próprios parâmetros e elementos, coisa de que, lamentavelmente, nenhum pensador espírita ainda se ocupou. Consequentemente, tomamos emprestados os axiomas e princípios conforme expostos em *O Livro dos Espíritos* e, quando muito, comparamos-los com uma filosofia moral estabelecida na tradição filosófica.

Na base de tão grande problema da filosofia espírita está a relativa negligência para com a metafísica, a qual muitos pensadores espíritas seguem qualificando segundo as concepções de meados do século XIX, e em favor de modelos positivistas ou simplesmente cientificistas.²

“

**Instruir é dar
a conhecer as
condições e as
possibilidades
de vivência**

“

**A causa
inteligente do
mundo não
poderia querer
causar outra coisa
senão um mundo
de liberdade,
um mundo moral**

Resolver problemas filosóficos depende de os desdobrar de princípios primeiros, só elaboráveis metafisicamente. Na metafísica espírita, o princípio de liberdade deriva do conceito panenteísta de fundamento da realidade. Como em todo modelo panenteísta, um *Deus de vivos tem de ser um Deus vivo*, e um Deus vivo, necessariamente, tem de ser Deus de vidas livres em constante autoformação. Da crítica aos modelos desgastados de Deus, portanto, que aparece com perfeita clareza no primeiro capítulo de *O Livro dos Espíritos* e de *A Gênese*, firma-se a exigência por um conceito de Deus eminentemente moral e espiritual, contraposto a modelos antropomórficos, mecanicistas ou panteístas. Desse conceito espiritualizado de Deus, decorre inevitavelmente o conceito forte de liberdade, e um conceito de progresso do livre-arbitrio que acompanha o progresso da consciência, do entendimento. Em moldes obviamente idealistas, um Deus que é eminentemente consciência produz consciências eminentemente autônomas. A causa inteligente do mundo não poderia querer causar outra coisa senão um mundo de liberdade, um mundo moral.

Bibliografia

COELHO, Humberto S. 2019. "As matrizes filosóficas do Espiritualismo Moderno". In *Espiritismo em Perspectivas*, GOMES, Adriana; André S. Cunha e Marcelo Gulão. Salvador: Sagga.

KARDEC, Allan. 2003. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB.

Fé Inabalável Espiritismo & Religião face a face



***Romero de Matos Esmeraldo**

Médico, formado pela Universidade Federal do Ceará, cirurgião de transplante de órgãos no Hospital Geral de Fortaleza. Participa do Centro Espírita Casa do Caminho e Grupo Espírita Meimei, em Fortaleza e do Centro Espírita Sem Fronteiras.

ROMERO DE MATOS ESMERALDO*

LIVRE

ARBÍTRIO

&

RESPONSABILIDADE

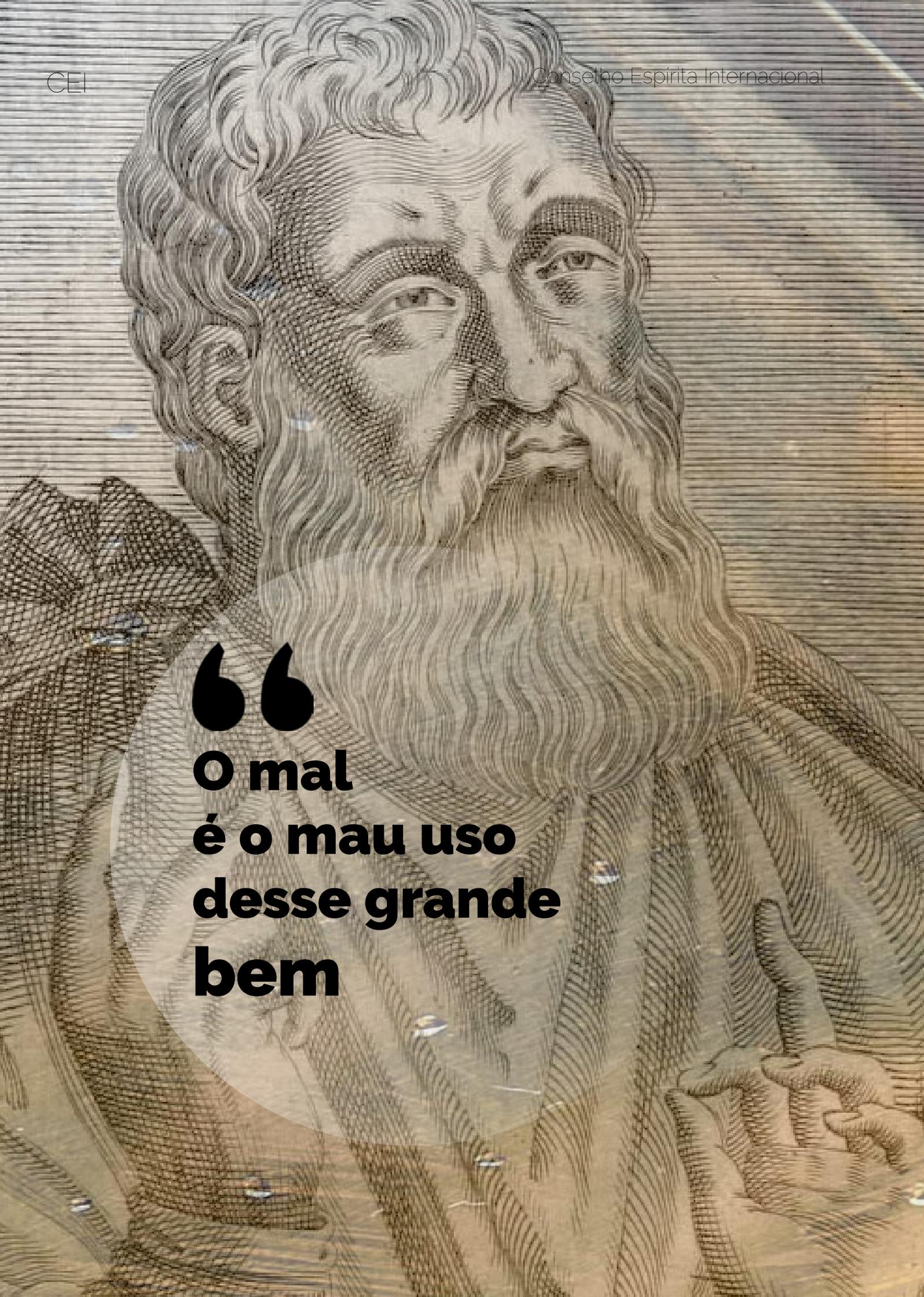
Resumo

O autor descreve a evolução do conceito de livre-arbítrio desde os doutores e apologistas cristãos, de Justino Mártir e Orígenes de Alexandria, a Santo Agostinho, além de São Tomás de Aquino e Erasmo, que seguiram Santo Agostinho em sua teologia da graça e do pecado original e ajudaram a definir a teologia aceita pela igreja católica, e as modificações verificadas com Lutero e que são aceitas pela igreja da Reforma. Considera as pesquisas modernas da Neurociência e sua interpretação e negação pelos neurocientistas. Discorre também sobre o que diz o Espiritismo a esse respeito, com as respostas que tratam do livre-arbítrio e da responsabilidade, trazidas pelos Espíritos Superiores, bem como as considerações que nos trouxeram as obras subsidiárias.

Palavras-chave Livre-arbítrio, razão, livre-escolha, responsabilidade, pecado.







**“
O mal
é o mau uso
desse grande
bem**

O livre-arbítrio é a possibilidade de escolher de acordo com a própria vontade, isenta de qualquer condicionamento, motivo ou causa determinante (Dicionário Houaiss).

O livre-arbítrio acompanha-se sempre da responsabilidade pela escolha feita, pois a cada um será dado de acordo com as suas obras.

Justino Mártir (100-165) foi dos primeiros apologistas cristãos a tratar do livre-arbítrio e seu conceito reflete aquele versículo do evangelho: Os castigos e recompensas são dados a cada um de acordo com suas obras. E se assim não fosse, mas acontecesse por destino, não haveria absolutamente livre-arbítrio. Se o homem não tem o poder de evitar o mal e seguir o bem por livre escolha, ele não é responsável por atos de qualquer tipo; uma pessoa só responde por seus atos se for livre: só pode ser condenado ou recompensado, se for uma pessoa responsável. E afirma ser destino ineludível que os que escolheram o bem terão dignas recompensas e os que escolheram o contrário terão igualmente digno castigo¹.

Orígenes de Alexandria (185-254) também foi bem claro ao tratar do livre-arbítrio no Livro III do seu *Dos Princípios*: a natureza da razão tem o poder de distinguir entre o bem e o mal e o homem possui a faculdade de selecionar o que aprovar; ele pode julgar digno de louvor ao escolher o que é bom e digno de censura o que é basicamente mau. Quanto às sugestões ou tentações que vêm de fora, não está em nosso poder impedir que cheguem, mas determinar e aprovar que uso devemos fazer dessas sugestões é o dever de nossa razão interior, isto é, nosso próprio julgamento. Está em nosso poder, auxiliado por nossa razão, determinar como essas sugestões serão usadas, se para um bom ou para um mau uso.

Acrescenta mais, que não se pode alegar que as sugestões são irresistíveis, pois quando elas surgem, não se realizam até que ganhem assento na alma e a mente conceda indulgência para a má sugestão. Tampouco poderemos culpar uma fragilidade natural de nosso organismo, pois seria contrário à razão de todos os ensinamentos.

1. Justino de Roma, "Apologia".

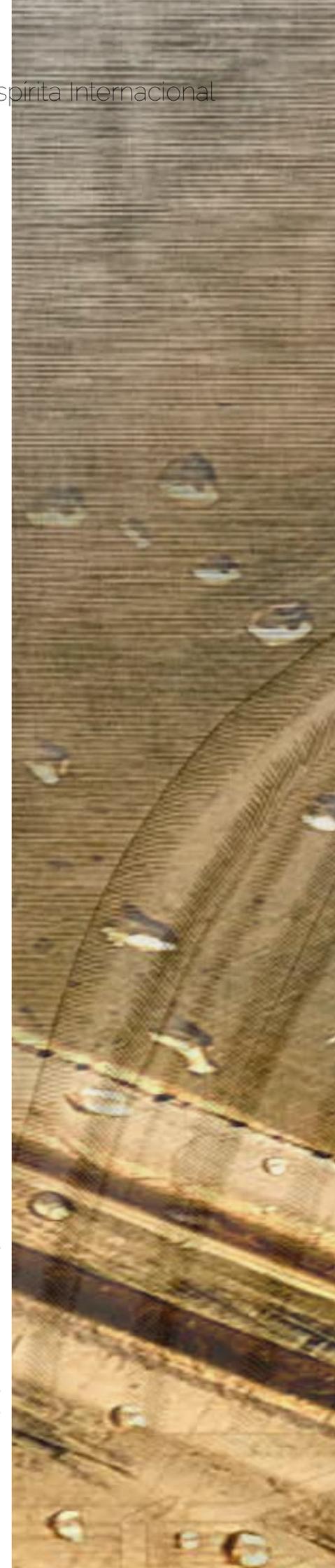
2. Agostinho, "O Livre-arbítrio".

Esses conceitos claros de Justino e Orígenes seriam, mais tarde, a partir de Agostinho de Hipona (Santo Agostinho, 354-430)², acrescidos de conceitos teológicos como a graça divina, o pecado original, arbítrio escravizado, que tornam confusa essa liberdade de escolha, mas que influenciaram fortemente os teólogos de gerações futuras.

Agostinho dizia que o mal moral é o pecado, que depende da nossa má vontade; a criatura opta por bens inferiores, em vez dos bens superiores. Ter recebido uma vontade livre é um grande bem. O mal é o mau uso desse grande bem. E para fazer o bem, são necessárias duas coisas: um dom de Deus, que é a graça, e o livre-arbítrio. Sem a graça o livre-arbítrio, após o pecado original, não quereria o bem ou, se o quisesse, não conseguiria realizá-lo. A graça tem o efeito de tornar boa a vontade. Esse poder de usar bem o livre-arbítrio é precisamente a liberdade: a possibilidade de fazer o mal é inseparável do livre-arbítrio, mas o poder de não o fazer é marca da liberdade. E o fato de alguém se encontrar confirmado na graça, a ponto de não mais poder fazer o mal, é o grau supremo de liberdade; aquele que estiver mais completamente dominado pela graça de Cristo, será também o mais livre.

O mal físico, como as doenças, o sofrimento e a morte, é a consequência do pecado original, quer dizer do mal moral.

Na perspectiva cristã, a morte do Cristo é tida como necessária para salvar os seres humanos desse pecado original, que seria congênito e hereditário. Agostinho mantinha que o pecado original de Adão foi herdado por toda a humanidade e, mesmo que o homem caído retenha a possibilidade de escolher, ele está escravizado ao pecado e não pode não pecar.



“

**Usar bem
o livre-arbítrio
é precisamente a
liberdade**

“

**A possibilidade de
fazer o mal é
inseparável do
livre-arbítrio, mas o
poder de não o fazer é
marca da liberdade**

Não admira que Santo Agostinho considere o pecado de Adão como afetando toda a humanidade: o apóstolo Paulo de Tarso em sua Epístola aos Romanos (Rm 5,12-21) fala sobre o pecado original e sua transmissão à descendência de Adão: "Eis, porque, como por meio de um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte, assim a morte passou a todos os homens, porque todos os homens pecaram... Por conseguinte, como pela falta de um só resultou a condenação de todos os homens, do mesmo modo, da obra de justiça de um só resultou para todos os homens, justificação que traz a vida." E em 1 Co 15,22 também diz: "Pois, assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida."

Veremos mais adiante, que Martinho Lutero fixou-se nessa escravidão do pecado para anular o livre-arbítrio, tornando-o um servo-arbítrio.

O monge britânico Pelágio (350-423), contemporâneo de Agostinho, ao propor sua doutrina usou o livre-arbítrio ensinado por Agostinho para negar o pecado original, a corrupção da natureza humana, o servo-arbítrio e a necessidade da graça divina para a salvação. Dizia que todo homem é responsável por sua própria salvação e, uma vez que a vontade humana foi libertada e curada pela graça, não havia necessidade de nova graça, mas com o auxílio do livre-arbítrio o ser humano pode alcançar a salvação eterna.

O homem nasceria bom e inocente, o pecado não seria congênito, mas adquirido por imitação: o pecado original seria um mau exemplo a ser seguido e afetaria apenas a Adão. A graça divina é desnecessária para a salvação, embora facilitasse a obediência.

Agostinho debateu com Pelágio sobre o livre-arbítrio e o pecado original; considerou o pelagianismo como sendo uma manifestação da presunção humana e que suporia erroneamente que a salvação depende apenas da nossa vontade, das nossas escolhas e obras, negando o caráter salvador e redentor de Jesus Cristo. Pelágio foi condenado em 431, no Concílio de Éfeso.

Essa visão agostiniana do pecado original foi herdada por todo o cristianismo ocidental e está presente em todas as denominações cristãs católicas ou protestantes.

Também Tomás de Aquino³ (1225-1274) repete a teologia agostiniana do livre-arbítrio ao dizer que o livre-arbítrio é uma faculdade da vontade e da razão, que as escolhas dependem de nós, supondo-se o auxílio divino: você não faz o bem que quer, se não for ajudado pela graça divina.

O homem pecando, perdeu o livre-arbítrio, não quanto à liberdade natural, que é liberdade isenta de coação; mas quanto à liberdade isenta da culpa e da miséria.

O livre-arbítrio é sujeito da graça, pela assistência da qual escolhe o bem.

Erasmus de Roterdã⁴ (1466-1536) segue a mesma linha anterior de Agostinho e Tomás de Aquino. Afirmou que todos os seres humanos possuem o livre-arbítrio e que a doutrina da predestinação não estava de acordo com os ensinamentos contidos na Bíblia e defendeu que o arrependimento, o batismo e a conversão dependem do livre-arbítrio. Se a capacidade de discernir entre o bem e o mal e a vontade de Deus estivessem vedadas aos seres humanos, estes não poderiam ser considerados culpados por terem feito escolhas erradas; se o homem não pode decidir entre o bem e o mal, não é possível culpá-lo por seus pecados; se a vontade não é livre, o pecado deixará de ser pecado, pela sua involuntariedade. E embora a livre escolha tenha sido prejudicada pelo pecado, ela não foi extinta por ele.

Em sua interpretação, o homem nasce com uma razão pura, porém é livre para escolher entre o bem e o mal. A graça simplesmente ajudava os homens a chegar ao conhecimento de Deus e os apoiava quando utilizavam seu livre-arbítrio para escolher entre as boas e as más opções, indicando quais levariam à salvação através da expiação de Jesus Cristo.

3. Aquino, "Suma Teológica" e "Do Livre-arbítrio".

4. Roterdã, "Livre-arbítrio e Salvação".







Após o pecado original, a graça divina ajuda o esforço humano para agir corretamente (como ensinado por Agostinho). Se o homem é que faz tudo para a salvação, não há espaço para a graça, mas se ele não faz nada, não há lugar para os méritos, que proporcionam as recompensas e as punições. Essa aparente contradição se harmoniza quando o empenho da vontade do homem se associa com a assistência da graça. Embora encontremos em Erasmo uma valorização das ações humanas, encontramos por todo o texto os destaques à graça de Deus: o livre-arbitrio age, mas com a força da graça.

Já Martinho Lutero (1483-1546) argumentava que o pecado deixa os seres humanos incapazes de atuar em prol de sua própria salvação e são incapazes de levar a si próprios até Deus. Não existe o livre-arbitrio para a humanidade porque qualquer arbitrio que os seres humanos possam ter é completamente subjugado pela influência do pecado. Os seres humanos não redimidos são dominados por obstáculos. Satã, como príncipe do mundo mortal, jamais abandona o que considera seu sem que seja subjugado por um poder maior, ou seja, por Deus. Deus redime as pessoas inteiramente, incluindo seu arbitrio, que então está livre para servir a Deus.

Ninguém pode, segundo Lutero, obter a salvação ou a redenção por suas próprias escolhas, as pessoas não escolhem entre o bem e o mal porque são naturalmente dominadas pelo mal e a salvação é resultado da mudança unilateral realizada por Deus em seus corações, levando-as a boas ações. Se assim não fosse, Deus não seria onipotente e onisciente e não teria total soberania sobre a criação, o que seria um insulto à sua glória.

Recorre a Paulo, na sua Epístola aos Efésios 2.8,9: "Pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é o dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho."

Desafia o ensinamento de salvação mediante as obras, insistindo que “o justo viverá pela fé.” (Rm 1.17) A anulação da liberdade humana era premissa básica, visto que ela impede a absoluta liberdade de decisão e poder da vontade divina: “a onipotência e presciência de Deus abolem completamente o dogma do livre-arbítrio.”

Se houver livre-arbítrio, não há graça, e se houver graça, não há livre-arbítrio, um obrigatoriamente anula o outro. Ele se baseia em Santo Agostinho para desenvolver a salvação pela graça de Deus: o homem é escravo do pecado e, sem a graça, por si mesmo, não consegue salvar-se, porque Satã o impede. Com Paulo, ele considera a fé fundamental para obter a graça e a salvação, como em Ef 2. 8-9 acima.

Lutero deduziu sua teologia do estudo da Bíblia, das epístolas paulinas e da teologia agostiniana, reforçando a noção de justificação pela fé, a fé como fundamental para obter a graça divina, sem considerar as obras realizadas. Segundo ele, não é possível o homem realizar qualquer obra para se salvar, visto que tem a natureza decaída, não tem livre-arbítrio, mas é cativo, sujeito e servo da vontade de Deus ou da vontade de Satanás. Erasmo publicou *O Livre Arbitrio (De Libero Arbitrio)* em 1524 e Lutero publicou em 1525, seu *De Servo Arbitrio*, ou *A Escravidão da Vontade*, em que refuta todas as considerações de Erasmo sobre o livre-arbítrio⁵.

Todos os líderes reformadores concordaram que o homem, por sua própria natureza, é incapaz de fazer qualquer coisa que contribua para sua salvação. A doutrina da justificação pela fé é a verdade central da doutrina reformada, mas enfatizam que a salvação do pecador se deve inteiramente à graça de Deus, que é soberana e concedida gratuitamente.

5. Lutero, "Nascido Escravo".







Modernamente, os neurocientistas estão concluindo que não existe livre-arbitrio e que nossas escolhas, que acreditamos sejam conscientes, são decisões automáticas tomadas pelo cérebro. Desde as pesquisas de Benjamin Libet in 1979, durante uma neurocirurgia com o paciente acordado e, que ao estimular o cérebro percebeu que havia um intervalo de tempo entre o estímulo da superfície cortical que representa a mão, e o momento em que o paciente se tornou consciente de uma sensação na mão; a percepção consciente veio 500 ms depois. Ele postulou que a atividade cerebral precede e determina uma escolha consciente. Posteriormente, outros neurocientistas desenvolveram o estudo usando Imagens por RMf (Ressonância Magnética funcional), demonstrando que o cérebro age até 10 segundos antes que a pessoa se torne consciente da ação. Além disso, examinando o scan, eles podem prever o que a pessoa irá fazer. O cérebro parece decidir antes da consciência e parece anteceder qualquer decisão que tomemos, motora ou sentimental. Se as ações são iniciadas inconscientemente, antes que estejamos conscientes de qualquer desejo de realizá-las, o papel causal da consciência sobre a vontade desaparece. A vontade consciente, a ideia de que você deseja que uma ação aconteça, seria uma ilusão. Se o livre-arbitrio é uma ilusão, devemos revisar nossos conceitos do que significa ser pessoalmente responsável por nossas ações⁶.

"Supomos que os criminosos violentos têm a liberdade de escolher e que poderiam resistir ao impulso de estuprar ou assassinar, por exemplo, e instintivamente nós os culpamos por suas ações. Porém, sem o livre-arbitrio, a responsabilidade e a culpa repentinamente desaparecem e, mesmo o psicopata mais aterrador começa a parecer uma vítima." (Harris 2012, 17)

Com o Espiritismo nós temos certeza da realidade do livre-arbitrio, exposto de maneira clara, sem contorcionismos teológicos para justificar crenças ou dogmas. As revelações dos Espíritos Superiores não deixam dúvidas, como vemos na resposta à questão 843 de *O Livro dos Espíritos*: "O homem tem o livre-arbitrio de seus atos?" "R. Pois que tem a liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar. Sem o livre-arbitrio o homem seria máquina." Respondem ainda (Q. 844) que nas primeiras fases da vida a liberdade é quase nula, mas que se desenvolve à medida que se desenvolvem as faculdades. E há liberdade de agir desde que haja vontade de fazê-lo.

A pergunta 122 de *O Livro dos Espíritos* trata do desenvolvimento do livre-arbitrio: Como podem os Espíritos, em sua origem, quando ainda não têm consciência de si mesmos, gozar da liberdade de escolha entre o bem e o mal? E os Espíritos superiores respondem que o livre-arbitrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo e que não haveria liberdade se a escolha fosse determinada por

6. Gazzaniga, "Who's in charge? Free Will and the Science of the Brain".

uma causa independente da vontade do Espírito. Pelo entendimento atual da neurociência, como vimos antes, a escolha já estaria determinada pelo cérebro e, portanto, nossa vontade não seria livre e sim determinada, desaparecendo a responsabilidade por nossos atos.

A Doutrina Espírita compreende que a matéria possa exercer influência sobre o Espírito, podendo embarçar-lhe as manifestações e que as manifestações adequadas dependem da integridade dos órgãos. Ensina que quem dá a um homem um mau instinto, como o do assassinio, é o seu próprio Espírito e não o seu cérebro, pois os órgãos são o instrumento de manifestação do Espírito e o instrumento não dá a faculdade; o contrário ocorre: as faculdades é que impulsionam o desenvolvimento dos órgãos (Q. 369 e 370).

Embora os neurocientistas pensem que a consciência seja apenas parte do cérebro e que a mente seja produto do cérebro, resultado da atividade cerebral, como não acreditam que haja espíritos, porque não veem nem conseguem provar, só podem raciocinar com base na matéria palpável.

André Luiz explica muito bem a interação mente-cérebro no livro *Evolução em dois Mundos*, pela psicografia de Chico Xavier e Waldo Vieira.

Todas as células do nosso organismo obedecem ao comando da inteligência, que as disciplina e as especializa; elas se diferenciam e se adaptam às condições criadas pelo Espírito, que as coloca a seu serviço. De maneira semelhante, os neurônios permanecem sob o controle do Espírito, assimilando-lhe os desejos e executando-lhes as ordens, de maneira automática, conforme o automatismo adquirido ao longo da evolução. A mente elabora as criações mentais decorrentes da vontade e o centro coronário encarrega-se de fixar a natureza da responsabilidade que lhes diga respeito, marcando no próprio ser as consequências felizes ou infelizes, a felicidade ou o sofrimento.

No diencéfalo (tálamo; hipotálamo, com a hipófise; epitálamo, com a pineal; subtálamo), o centro coronário entrosa-se com o centro cerebral, que se expressa no córtex e em todos os mecanismos do mundo cerebral, para proporcionar ao Espírito o gabinete de comando das energias que o servem, como aparelho de expressão dos seus sentimentos e pensamentos, com a responsabilidade das próprias escolhas, plasmando seu próprio caminho evolutivo.

Quando surgiu no homem a razão e o livre-arbítrio, com a responsabilidade decorrente das escolhas livres?



Image S. Barros based on Anatomische studie van de binnenkant van de schedel en de hersenen, Pieter van Gunst, after Gerard de Lairesse, 1685, in Rijksmuseum

No livro *Libertação*, de André Luiz, com psicografia de Chico Xavier, o Ministro Flácutis diz que o Espírito humano lida com a razão há precisamente quarenta mil anos. Já no livro *Evolução em Dois Mundos*, André Luiz revela, consultando os apontamentos espirituais, que o ser, com o título de homem, alcançou a idade da razão dotado de raciocínio e discernimento, no período quaternário, quando a civilização paleolítica alcançou algum primor de técnica; esse fato ocorreu, segundo ele, há duzentos mil anos, preparando o homem para a responsabilidade. Não deixa de ser interessante constatar que esse é o tempo que os paleoantropólogos atribuem ao surgimento do *Homo sapiens*, quando, considerando a necessária fixação definitiva da espécie humana, como nos diz Emmanuel em seu *A caminho da Luz*, verificou-se tal fixação em nossa espécie atual, daí porque todas as outras espécies humanas foram extintas, com a sobrevivência da mais capaz.

O princípio da responsabilidade, segundo ainda André Luiz, começou a surgir quando o homem rude, iniciando sua evolução moral e perdido

na vastidão do paleolítico, aprendeu a chorar, amando e perguntando, para ajustar-se às leis divinas que se gravavam em sua consciência e, reconhecendo-se frágil diante da vida, compreendeu que estava entregue a si próprio.

“Desde quando adquiriu a faculdade de pensar e a bênção do livre-arbitrio, as responsabilidades existenciais são frutos dessa conquista.” (Franco 2021, 196)

Todo ser racional está sujeito ao erro, mas não está obrigado a errar e, ao contrário do que afirmou Lutero, não estamos escravizados ao erro.

Do que foi exposto, compreendemos que as interpretações iniciais feitas por Justino Mártir, por Orígenes de Alexandria e por Pelágio estão mais concordes com nosso entendimento da verdade espírita sobre o livre-arbitrio e a responsabilidade, e que o entendimento posterior da teologia católica e da reformada deveu-se a interpretações humanas dos doutores da igreja, muitas vezes apegando-se ao texto das sagradas escrituras e deixando o espírito preso à letra, prendendo-o ainda mais fortemente através dos grilhões dos dogmas.

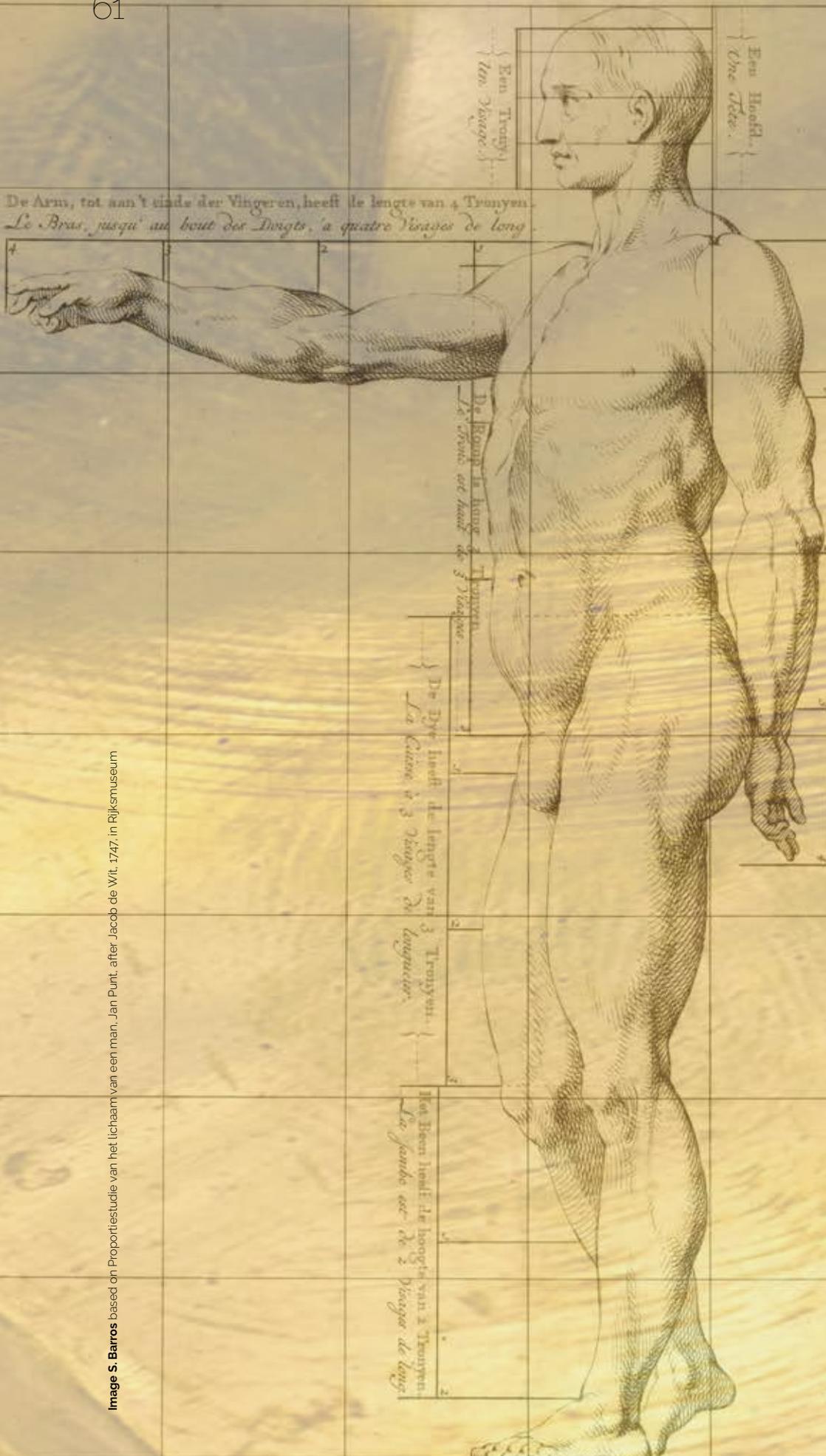


Image S. Barros based on Proportiestudie van het lichaam van een man, Jan Punt, after Jacob de Wit, 1747, in Rijksmuseum





Image S. Barros based on Anatomische studie van drie figuren met gestrekte armen, Paulus Pontius, after Peter Paul Rubens. 1616 - 1657. in Rijksmuseum

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, Aurélio. 2020. *O Livre-arbítrio*. S. Paulo: Ed. Paulus.

AQUINO, Tomás. *Suma Teológica* (pdf).

AQUINO, Tomás. *Do Livre-arbítrio*. em <http://alexandriacatólica.blogspot.com.br>. [consultado em 26/12/2021]

FRANCO, Divaldo P. (Manoel Philomeno de Miranda, Espírito). 2021. *No Rumo do Mundo de Regeneração*. Salvador: Ed. Leal.

GAZZANIGA, Michael. 2011. *Who's in charge? Free Will and the Science of the Brain*. New York: Harper Collins Publishers.

HARRIS, Sam. 2012. *Free Will*. New York: Free Press (Simon & Schuster).

JUSTINO DE ROMA. *Apologia*. S. Paulo: Editora Paulus. (eBook)

KARDEC, Allan. 2002. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB.

LUTERO, Martinho. 2007. *Nascido Escravo*. S. José dos Campos, S.P.: Editora Fiel.

ORIGEN. 2013. *The Principiis – Book III (The Complete Works of Origen)*. Canada. Public domain. (eBook)

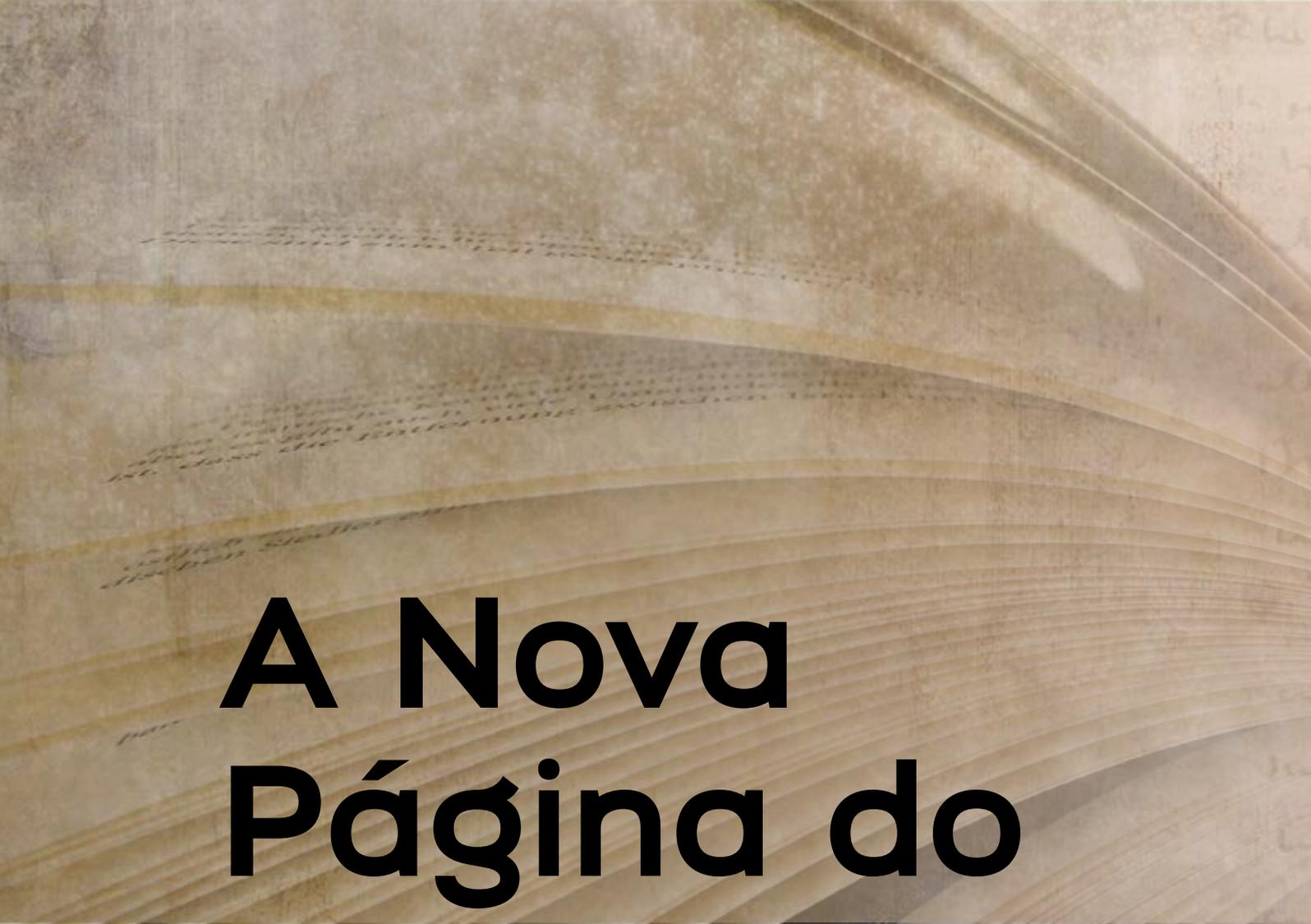
ROTerdã, Erasmo. 2014. *Livre-arbitrio e Salvação*. S. Paulo: Ed. Reflexão.

XAVIER, Francisco C. e Waldo Vieira (André Luiz, Espírito). 2003. *Evolução em Dois Mundos*. Rio de Janeiro: FEB.

XAVIER, Francisco C. (André Luiz, Espírito). 1995. *Libertação*. Rio de Janeiro: FEB.

XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 2021. *A Caminho da Luz*. Brasília: FEB.

Revisitando



A Nova Página do Livro do Infinito

“O LIVRO DOS ESPÍRITOS” – Janeiro de 1858

SÍLVIA ALMEIDA*

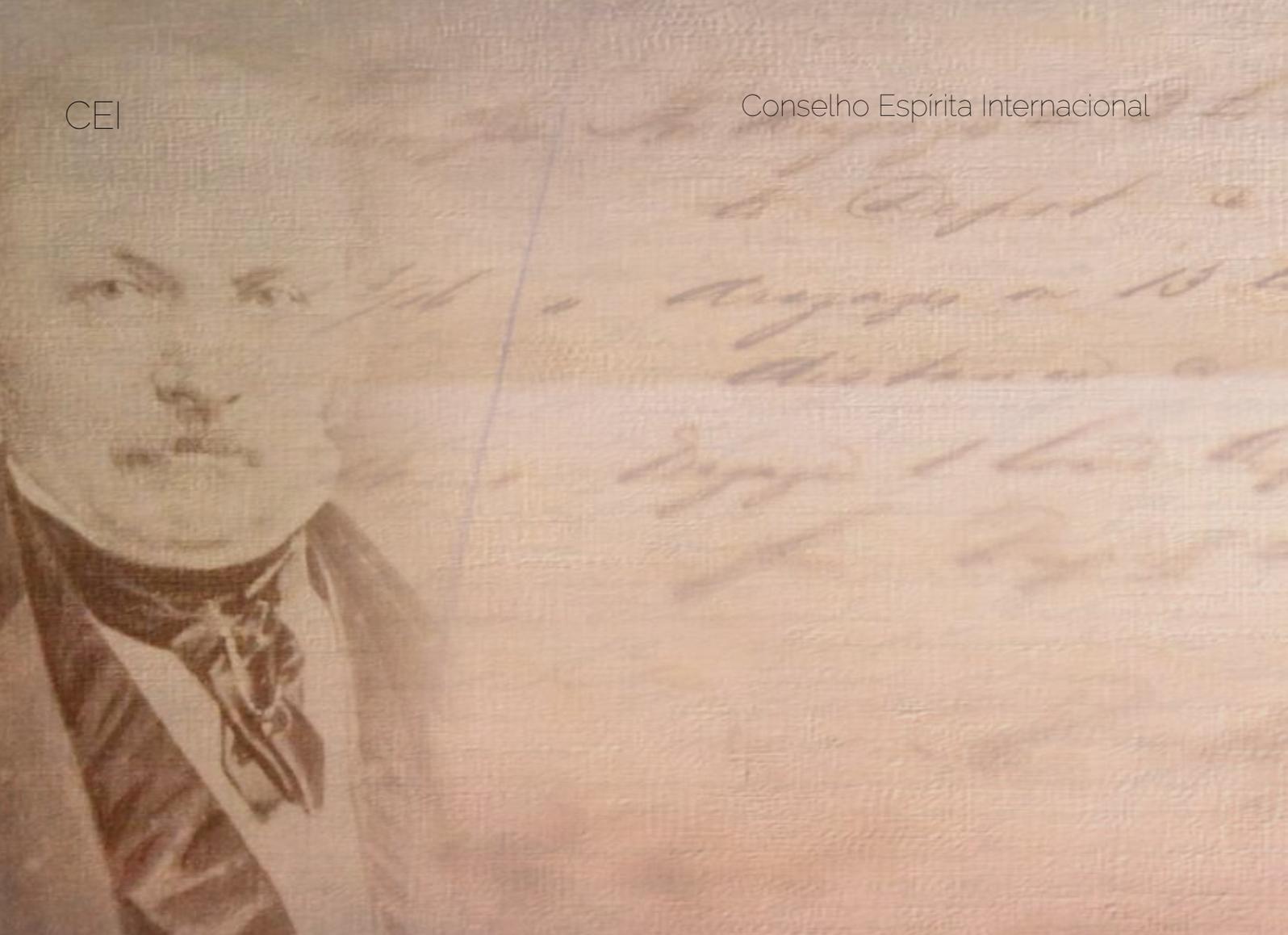


Revista Espírita



***Sílvia Almeida**

*Membro da Associação Espírita NO INVISÍVEL – Estudos e Divulgação Espírita; colaboradora da Federação Espírita Portuguesa.



Resumo

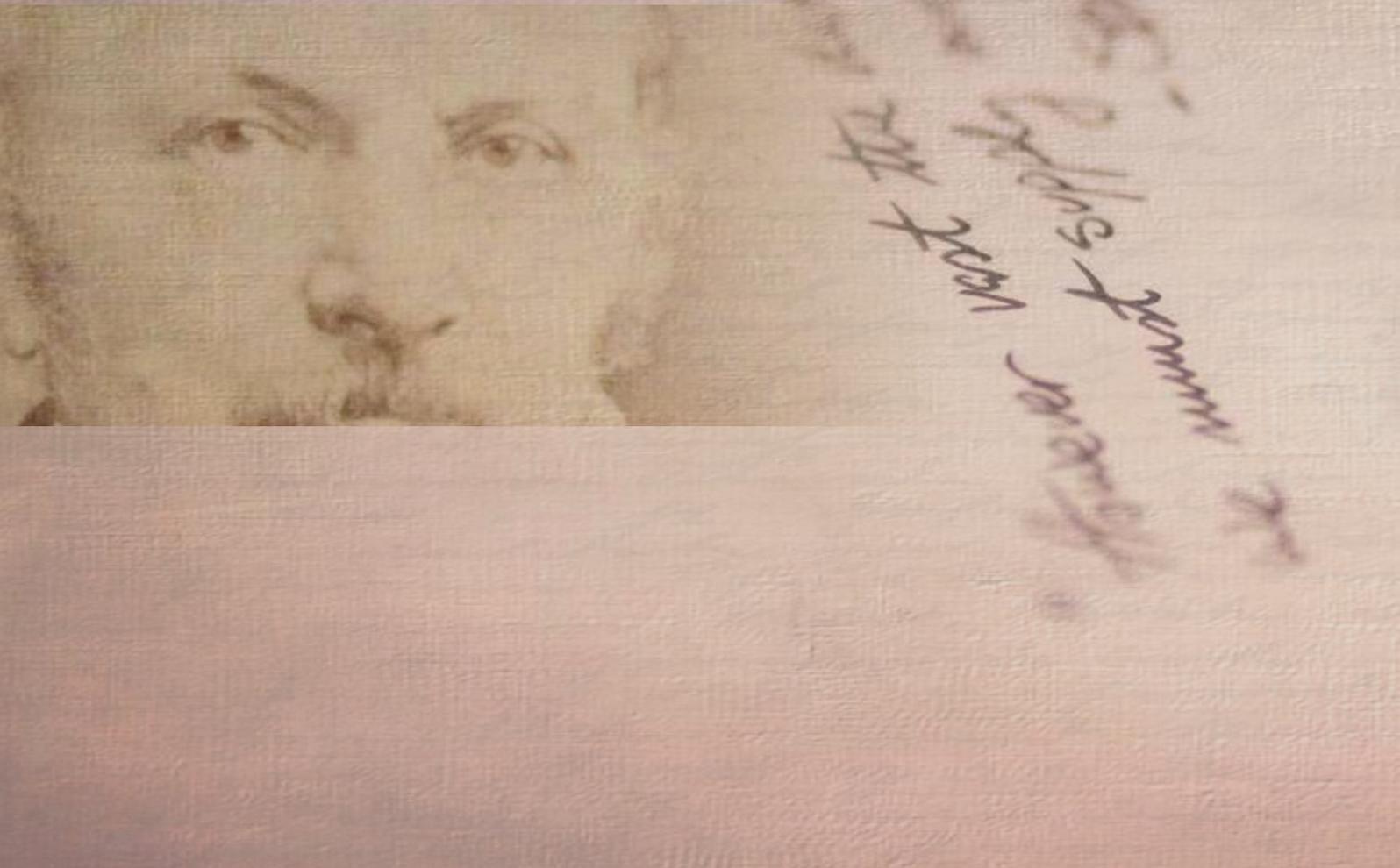
A presente abordagem debruça-se sobre a primeira divulgação que é feita na *Revista Espírita* da obra *O Livro dos Espíritos*, por Allan Kardec, o que acontece logo no seu primeiro número, em janeiro de 1858. O artigo em análise, permite-nos não só identificar ou confirmar a vocação de comunicador de Allan Kardec, mas também reconhecer o impacto que a obra fundadora do Espiritismo teve, desde logo, na vida de todos os que a ela tiveram acesso. Menos de um ano passado sobre o seu lançamento, esta era já fonte de alento e esperança, de aspirações superiores, convocando as almas à autoconsciência e à autoiluminação, na direção do progresso individual e coletivo, como atestam os testemunhos na primeira pessoa, transcritos por Allan Kardec no fecho deste primeiro número.

Com isto procuramos também assinalar o 165º aniversário da primeira obra da Codificação Espírita, deixando a nossa singela homenagem a todos os que, direta e indiretamente, tornaram possível a sua materialização na Terra e aos que têm contribuído desde então, e até aos dias atuais, para a sua divulgação no seio da Humanidade.

“

**O Espiritismo
chega a todos
e por todos
pode ser
compreendido**

Palavras-chave Doutrina Espírita, *Revista Espírita*, *O Livro dos Espíritos*, divulgação.



No ano em que a obra basilar da Doutrina Espírita completou o 165º aniversário do seu lançamento, no passado dia 18 de abril, não poderíamos deixar de recordar, a propósito desta efeméride, o primeiro artigo publicado na *Revue Spirite* de Allan Kardec sobre o assunto.

O Codificador evidentemente que aproveitou a Revista que iria lançar em 1 de janeiro de 1858 para publicitar, sem perda de tempo, a obra fundadora da Doutrina, publicada havia pouco menos de nove meses.

É certo que, por essa altura, não poderia ainda imaginar o sucesso e o alcance que esta revista viria a ter, mas logo deve ter previsto nela um potencial meio de divulgação. Como ele próprio refere em *Obras Póstumas*, "Apressei-me a redigir o primeiro número (...) sem haver dito nada a quem quer que fosse. Não tinha um único assinante e nenhum fornecedor de fundos. Publiquei-o correndo eu, exclusivamente, todos os riscos e não tive de que me arrependar, porquanto o resultado ultrapassou a

“

**Esta obra,
como o indica seu
título, não é uma
doutrina pessoal: é o
resultado do ensino
direto dos próprios
Espíritos sobre os
mistérios do mundo**

minha expectativa. A partir daquela data, os números se sucederam sem interrupção (...), esse jornal se tornou um poderoso auxiliar meu.”¹ (Kardec 2019, 249)

No meio da incerteza inicial, ainda assim, o Codificador procurou cumprir, através da divulgação feita também neste primeiro número da *Revue*, a recomendação que lhe fora feita pelos Espíritos Superiores responsáveis pela Codificação e que, em 11 de setembro de 1856, haviam assinado em conjunto um ditado espontâneo, no qual não só aprovavam a obra *O Livro dos Espíritos*, então ainda por publicar, mas também incentivavam a sua divulgação: “Compreendeste bem o objetivo do teu trabalho. O plano está bem concebido. Estamos satisfeitos contigo. Continua; mas, lembra-te, sobretudo quando a obra se achar concluída, de que te recomendamos que a mandes imprimir e propagar. É de utilidade geral. Estamos satisfeitos e nunca te abandonaremos. Crê em Deus e avante. - Muitos Espíritos”² (Kardec 2019, 243)

1. Kardec, “Obras Póstumas”, Segunda Parte, “Extratos, in extenso, do livro das Previsões concernentes ao espiritismo - Manuscrito composto com especial cuidado por Allan Kardec e do qual nenhum capítulo fora ainda publicado”. Nota à mensagem de 15 de novembro de 1857, pela médium Sra. E. Dufaux, intitulada “Revista Espirita”.

2. Idem, mensagem de 11 de setembro de 1856, pela médium Srta. Baudin, intitulada “O Livro dos Espíritos”.

3. Que funcionava na Galeria d'Orleans, nº 13, no Palais-Royal. É interessante referir que a segunda edição, já revista e ampliada de *O Livro dos Espíritos* será editada pela Livraria Acadêmica Didier et Cie. Uma descrição de 1859 caracteriza-a como "um lugar calmo e de descanso, de onde o luxo estava impiedosamente banido. Era, entretanto, um lugar de primeira ordem, gozando da consideração universal e tendo conquistado lealmente suas cartas de nobreza." A livraria de Didier parecia fazer jus ao nome, porque era um ponto de encontro e de discussão dos acadêmicos mais notáveis da Sourbonne. Era pois natural que Allan Kardec se tivesse esforçado no sentido de publicar ali as suas obras, depois da primeira edição pela Livraria Dentu de *O Livro dos Espíritos* em 57, num "meio honesto e refletido, onde só a alta literatura tinha livre acesso".

Cf. <http://www.souleitorespirita.com.br/reformador/noticias/editor-e-livreiro-da-codificacao-150-anos-de-desencarnacao-1865-2015/> [consultado em março de 2019].

E assim ele fez, concluiu a obra; imprimiu e divulgou!

No artigo intitulado *O Livro dos Espíritos*, ele cria uma nota, remetendo para os locais onde a obra poderia ser adquirida, no caso, na livraria e sede da editora Dentu³ ou na própria redação.

Além disso, faz uma apresentação da obra;

"O Livro dos Espíritos

CONTENDO OS PRINCÍPIOS DA
DOCTRINA ESPÍRITA

Sobre a natureza dos seres
do mundo incorpóreo, suas
manifestações e suas relações com
os homens, as leis morais, a vida
presente, a vida futura e o porvir da
Humanidade

ESCRITO DE ACORDO COM O
DITADO E PUBLICADO POR ORDEM
DOS ESPÍRITOS SUPERIORES

Por ALLAN KARDEC"

E continua esclarecendo: "Esta obra, como o indica seu título, não é uma doutrina pessoal: é o resultado do ensino direto dos próprios Espíritos sobre os mistérios do mundo onde estaremos um dia, e sobre todas as questões que interessam à Humanidade; eles nos dão, de algum modo, o código da vida, ao nos traçarem a rota da felicidade futura."

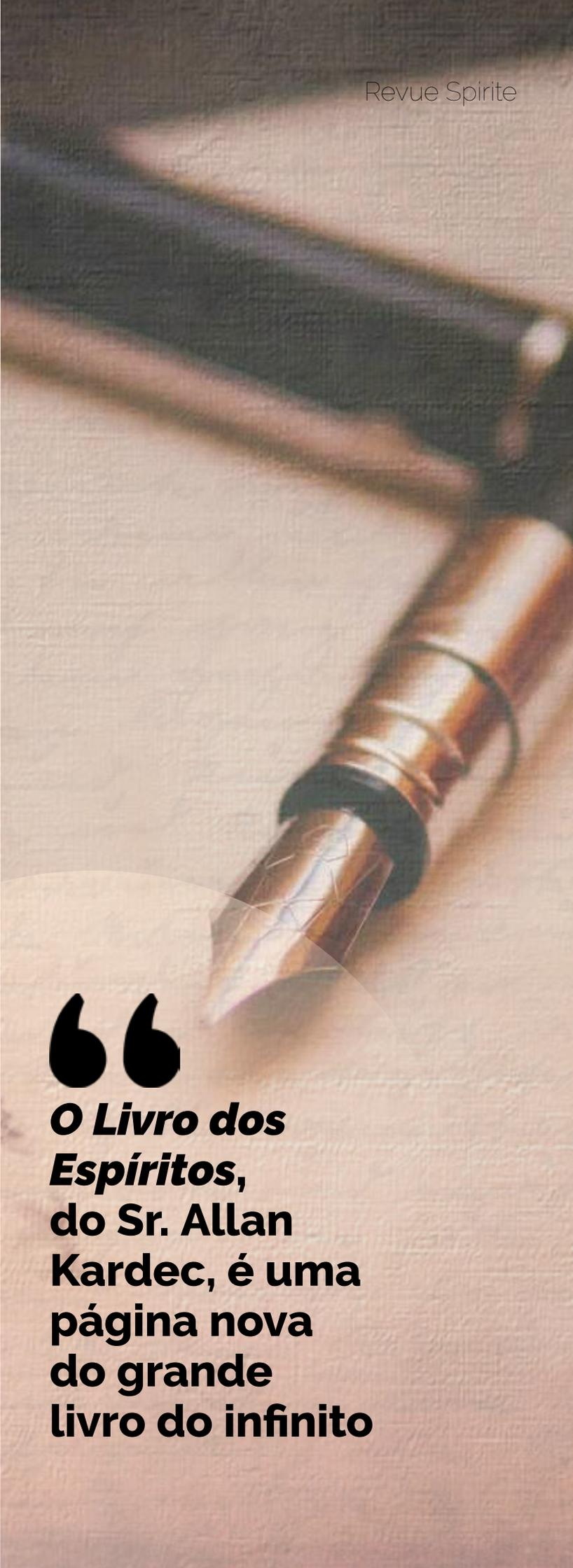
Trata-se de uma revelação notável só por estas premissas.

Refere a seguir Kardec que aquele livro não resultava das suas próprias ideias e que, aliás, em muitos pontos

importantes, expunha até os assuntos sob uma perspectiva muito diferente daquela que ele poderia à partida supor ou construir pelo seu próprio raciocínio.

Desse modo, não teria qualquer problema em elogiar um trabalho que não lhe pertencia, preferindo, ainda assim, dar voz aos que eram inteiramente desinteressados na questão, como o autor de um artigo publicado no jornal *Courrier de Paris*, de 11 de julho de 1857, e que colocava o caso nos seguintes termos: "O Editor Dentu acaba de publicar uma obra deveras notável; diríamos mesmo bastante curiosa, mas há coisas que repelem toda a qualificação banal. *O Livro dos Espíritos*, do Sr. Allan Kardec, é uma página nova do grande livro do infinito, e estamos persuadidos de que um marcador assinalará essa página. (...) Não conhecemos absolutamente o autor, mas confessamos abertamente que ficaríamos felizes em conhecê-lo. Aquele que escreveu a introdução que inicia *O Livro dos Espíritos* deve ter a alma aberta a todos os sentimentos nobres.

(...) O corpo da obra, diz o Sr. Allan Kardec, deve ser reivindicado inteiramente pelos Espíritos que o ditaram. Está admiravelmente classificado por perguntas e por respostas. Algumas vezes, estas últimas são sublimes, e isto não nos surpreende; mas, não foi preciso um grande mérito a quem as soube provocar? Desafiamos a rir os mais incrédulos quando lerem este livro, no silêncio e na solidão. Todos honrarão o homem que lhe escreveu o prefácio."



“

O Livro dos Espíritos, do Sr. Allan Kardec, é uma página nova do grande livro do infinito



Recordemos então o que coloca Kardec no referido prefácio, para tantos elogios merecer do Sr. Du Chalard, o autor do artigo do *Courrier de Paris*. Para já, essa "Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita", como a classifica Kardec, afigura-se como um pequeno tratado. Ocupa cerca de cinquenta páginas, o que, mais do que ser um prefácio convencional, daria, por si só, para uma brochura. Nele, Kardec apresenta o Espiritismo, fixa o sentido de palavras centrais na obra, narra a história do nascimento do livro e da evolução dos fenómenos que lhe deram origem, analisa as várias partes envolvidas, resume a doutrina, tece considerações e responde às principais objeções. Senão vejamos o que, segundo a nossa análise, em síntese, consta em cada item:

I – Justificação do nome da Doutrina de que se ocupa a obra.

II – Análise linguística da palavra "alma", fixando o sentido que lhe é atribuído na obra, a fim de evitar enganos.

III - Retrospectiva da série progressiva de fenómenos que deu origem ao Espiritismo.

IV – Análise das várias indagações que surgiram mediante os fenómenos e suas derivações, e exposição da evolução dos mecanismos de comunicação.

V – Análise do papel dos médiuns nas comunicações.

VI – Resumo dos pontos principais da doutrina transmitida pelos Espíritos, a fim de responder a certas objeções.

VII – Considerações sobre a oposição das corporações científicas e sobre a autoridade dos sábios na interpretação dos fenómenos espíritas.

VIII – Considerações sobre a seriedade e perseverança como condições indispensáveis ao estudo da Doutrina.

IX – Análise crítica da escrita obtida através dos médiuns e da possibilidade de resultar de uma fraude.

X – Análise de algumas objeções resultantes da linguagem usada pelos Espíritos e da possibilidade de apenas os maus se manifestarem.

XI – Análise dos comentários dos opositores referentes à identidade dos Espíritos que se comunicam.

XII – Ainda considerações sobre a identidade dos Espíritos e como comprová-la.

XIII – Análise da divergência que se nota na linguagem dos Espíritos.

XIV – Passagem rápida pela objeção relativa às falhas ortográficas que certos Espíritos cometem.

XV – Análise do facto de alguns dos que se entregaram a estes estudos terem perdido a saúde mental, acompanhada de uma dissertação sobre as causas das perturbações mentais.



4. Caso muito idêntico, que quase não pode deixar de ser lembrado é o de Victor Hugo (1802-1885), que viveu afastado de Paris, longo tempo exilado, mas que em Jersey, a ilha situada no Canal da Mancha, recebeu, através de uma amiga sua, a escritora (e que pouco depois, como espírito, colaborará na obra *O Evangelho segundo o Espiritismo*), Delphine de Girardin as novidades de Paris sobre o movimento das mesas que falavam. Victor Hugo referirá, ainda antes da Codificação, que há 25 anos se ocupava de conceber todo um sistema a que chegou apenas pela meditação, mas que a mesa ampliou com reflexões profundas. Allan Kardec, em agosto de 1863 na Revista Espírita, considerá-lo-á um precursor do Espiritismo, publicando uma carta que Hugo enviara ao poeta e escritor Alphonse de Lamartine por ocasião da morte da esposa.

XVI - Exame de duas objeções que admitem a realidade de todos os fenómenos materiais e morais, mas excluem a intervenção dos Espíritos. Uma justificando-os com o magnetismo e o sonambulismo, a outra com a possibilidade do médium extrair todas as manifestações do meio ambiente, refletindo ideias, pensamentos e conhecimentos existentes neste.

XVII - Considerações sobre o ceticismo, no tocante à Doutrina Espírita.

Voltemos ao texto publicado pelo *Courier de Paris*:

"A vinte léguas de Paris, à noite sob as grandes árvores, quando não tínhamos em torno de nós senão choupanas esparsas, pensávamos naturalmente em qualquer coisa, menos na Bolsa, no macadame dos bulevares ou nas corridas de Longchamp. Diversas vezes nos interrogamos, e isto muito tempo antes de ter ouvido falar em médiuns, o que haveria de passar no que se convencionou chamar o Alto. Outrora chegamos mesmo a esboçar uma teoria sobre os mundos invisíveis, guardando-a cuidadosamente para nós, e ficamos muito felizes de reencontrá-la quase por inteiro no livro do Sr. Allan Kardec."

Ocorre-nos discorrer que, efetivamente, o grupo que pertencia à equipa do Consolador era vasto: uns reencarnaram, outros ficaram no Espaço; uns foram colaboradores diretos, como foi

o caso de tantas personalidades nossas conhecidas, como Léon Denis e Camille Flammarion, que se tornaram posteriormente adeptos e trabalhadores fervorosos e incansáveis, cujos nomes a história do Espiritismo guardou. Outros, igualmente identificados com a Doutrina, por intuição, mesmo antes dela ser codificada na Terra, acabaram sendo, nas posições que ocuparam na sociedade, divulgadores das ideias espiritas⁴. O autor deste artigo parece ser uma dessas pessoas notáveis, que chega aos postulados espiritas apenas por reflexão própria.

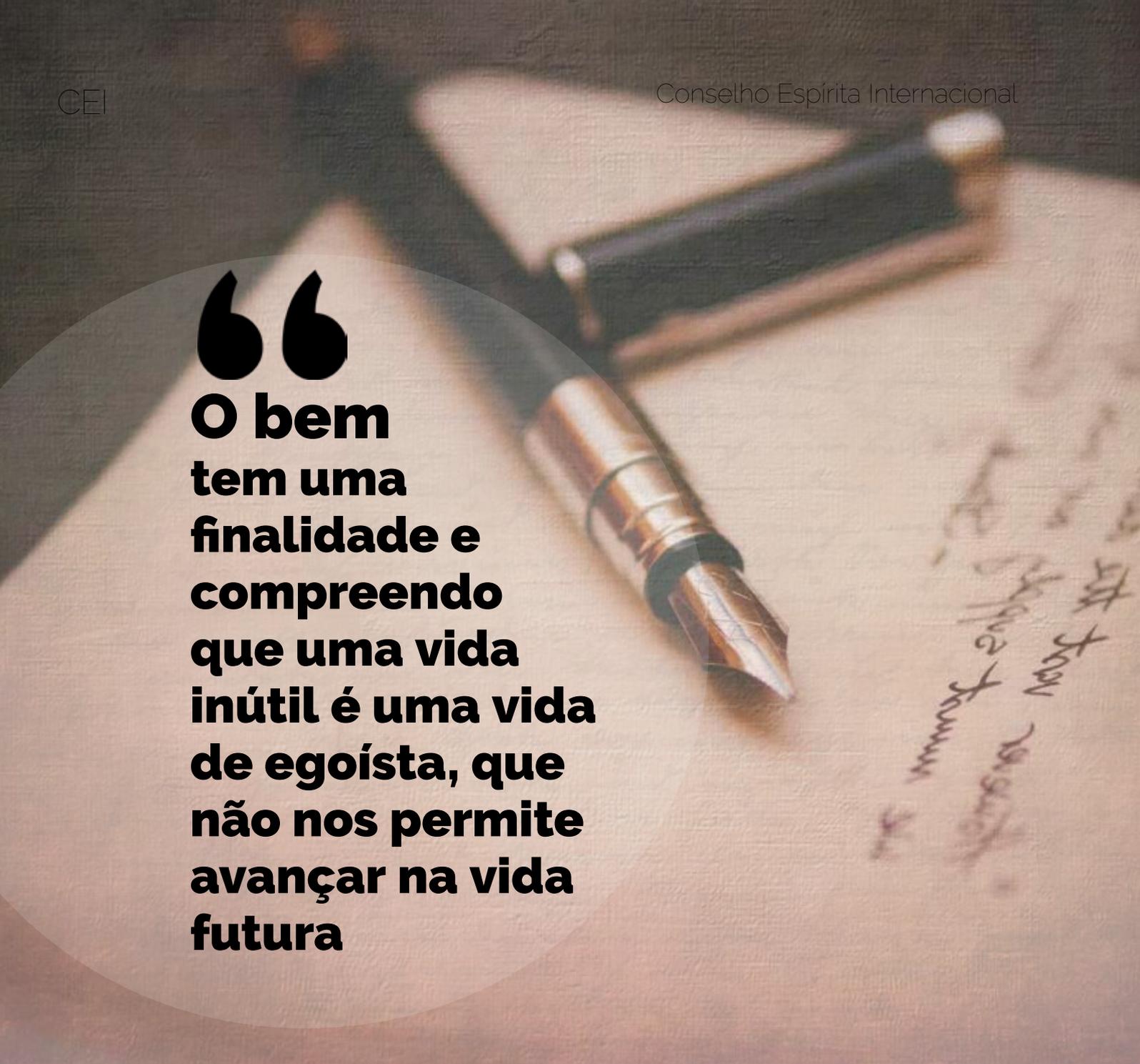
Para concluir este artigo com que encerra o 1º Número da *Revue*, Kardec publica duas cartas, que representam as muitas que recebeu, remetidas por duas pessoas de estratos sociais bastante diversos e por isso representativas de grupos sociais com diferente formação, notabilidade e até preparação intelectual, mostrando que o Espiritismo chega a todos e por todos pode ser compreendido.

Delas citaremos apenas partes, convidando os leitores ao contacto com a sua publicação integral:

“Bordeaux, 25 de abril de 1857

Senhor, Submetestes minha paciência a uma grande prova pela demora na publicação de *O Livro dos Espíritos*, há tanto tempo anunciado; felizmente, não perdi por esperar, porquanto ele ultrapassa todas as ideias que eu havia feito, de acordo

com o prospecto. Impossível descrever o efeito que em mim produziu: assemelho-me a um homem que saiu da obscuridade; parece que uma porta, fechada até hoje, acaba de ser subitamente aberta; minhas ideias se ampliaram em algumas horas! Oh! Como a Humanidade e todas as suas preocupações miseráveis se me parecem mesquinhas e pueris, ao lado desse futuro de que não duvidava, mas que para mim estava de tal forma obscurecido pelos preconceitos que o imaginava a custo! Graças ao ensino dos Espíritos, agora se apresenta sob uma forma definida, compreensível, maior, mais bela e em harmonia com a majestade do Criador. Quem quer que leia esse livro meditando, como eu, encontrará tesouros inesgotáveis de consolações, pois que ele abarca todas as fases da existência. Em minha vida sofri perdas que me afetaram vivamente; hoje, não me causam nenhum pesar e toda minha preocupação é empregar utilmente o tempo e minhas faculdades para acelerar meu progresso, porque, para mim, agora, o bem tem uma finalidade e compreendo que uma vida inútil é uma vida de egoísta, que não nos permite avançar na vida futura. (...) Recebei, até lá, eu vos peço, Senhor, a expressão de todo o meu reconhecimento, porque me proporcionastes um grande bem ao apontar-me a rota da única felicidade real neste mundo e, além disso, quem sabe? um lugar melhor no outro. Vosso todo devotado.



**“
O bem
tem uma
finalidade e
compreendo
que uma vida
inútil é uma vida
de egoísta, que
não nos permite
avançar na vida
futura**

5. Kardec, "Obras Póstumas", Segunda Parte, "Extratos, *in extenso*, do livro das *Previsões concernentes ao espiritismo* - Manuscrito composto com especial cuidado por Allan Kardec e do qual nenhum capítulo fora ainda publicado". Mensagem de 17 de junho de 1856, pela médium Srta. Baudin, intitulada "O Livro dos Espíritos".

D..., capitão reformado."

A segunda carta:

"Lyon, 4 de julho de 1857.

Senhor, Não sei como vos exprimir todo o meu reconhecimento pela publicação de *O Livro dos Espíritos*, que sinto depois de o ler. Como é consolador para nossa pobre Humanidade o que nos fizestes saber! De minha parte confesso-vos que estou mais forte e mais corajoso para suportar as penas e os aborrecimentos ligados à minha pobre existência. Compartilho, com vários de meus amigos, das convicções que hauri na leitura de vossa obra: todos estão muito felizes; agora compreendem as desigualdades das posições sociais e já não murmuram contra a Providência; a certeza de um futuro mais feliz, caso se comportem bem, os consola e encoraja. Gostaria de vos ser útil, senhor; sou um simples filho do povo que obteve certa posição com o seu trabalho, mas a quem falta instrução por ter sido obrigado a trabalhar desde menino; entretanto, sempre amei muito a Deus e fiz tudo quanto pude para ser útil aos semelhantes; é por isso que procuro tudo o que possa ajudar na felicidade de meus irmãos. Vamos nos reunir, vários adeptos que estavam dispersos; envidaremos todos os esforços para vos secundar: levantastes a bandeira, cabe a nós seguir-vos; contamos com vosso apoio e vossos conselhos. Sou, senhor, se ousar vos chamar de confrade, vosso todo devotado, C..."

Estes são apenas dois dos incontáveis testemunhos que Kardec tinha recebido e foi recebendo ao longo do tempo sobre este marco na história da humanidade. Um trabalho que Kardec julgava ser único, mas que

acaba sendo apenas o princípio de outros desenvolvimentos, tal como fora previsto pelos Espíritos: "ele não é, de certo modo, mais do que uma introdução. Assumirá proporções que longe estás agora de suspeitar. Tu mesmo compreenderás que certas partes só muito mais tarde e gradualmente poderão ser dadas a lume, à medida que as novas ideias se desenvolverem e enraizarem."⁵ (Kardec 2019, 242)

Para finalizar, voltaremos apenas e ainda às palavras de Du Chalard, o articulista do *Courrier de Paris*, no já referido artigo transcrito por Kardec:

"A todos os deserdados da Terra, a todos os que caminham e caem, regando com suas lágrimas o pó da estrada, diremos: Lede *O Livro dos Espíritos*; isso vos tornará mais fortes. Também aos felizes, aos que pelos caminhos só encontram os aplausos da multidão ou os sorrisos da fortuna, diremos: Estudai-o; ele vos tornará melhores. (...)

Sois homem de estudo e possuíis a boa-fé, que não pede senão para se instruir? Lede o Livro Primeiro sobre a Doutrina Espírita.

Estais colocado na classe dos que só se ocupam consigo mesmos e que, como se diz, fazem os seus pequenos negócios muito tranquilamente, nada vendo além dos próprios interesses? Lede as Leis Morais.

A desgraça vos persegue com furor, e a dúvida vos envolve, por vezes, com o seu abraço gelado? Estudai o Livro Terceiro: Esperanças e Consolações.

Todos vós que abrigais nobres pensamentos no coração e que acreditais no bem, lede o livro do começo ao fim."

Bibliografia

KARDEC, Allan. 2014. *O Livro dos Espíritos*. Amadora: FEP.

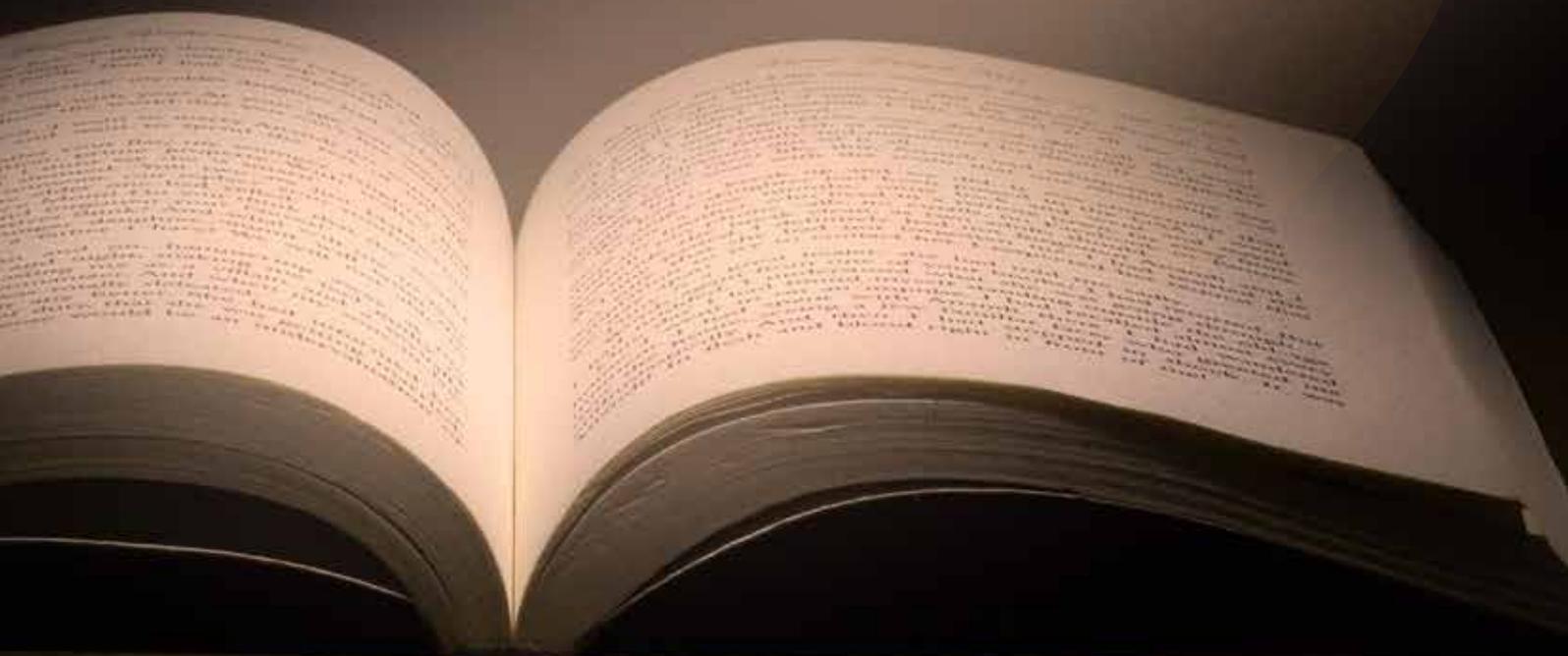
KARDEC, Allan. 2019. *Obras Póstumas*. [Tradução de Guillon Ribeiro]. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. [s.d.] "O Livro dos Espíritos". *Revista Espírita*. [s.l.]: EDICEL. (Ano I, N° 1 (jan. 1858): 31-35).

“

Lede

***O Livro dos Espíritos;*
isso vos tornará mais
fortes**



A Geração **Nova** **Espiritismo** com Crianças e Jovens



MARLON REIKDAL*

A

Crise da

Educação e o

Paradigma

Kardequiano



***Marlon Reikdal** é psicólogo e escritor. Atualmente residente em Londres onde estuda sociologia. Está vinculado à Associação Médico-Espírita do Brasil, no setor de Saúde Mental. É autor do programa "Vai pra dentro!" no YouTube e no Spotify, estimulando as pessoas ao autodescobrimento como filosofia de vida.

Resumo

Allan Kardec foi um dos poucos educadores capaz de oferecer um modelo educacional que conciliasse aspectos pedagógicos e morais. Entretanto, sua abordagem pedagógica ainda é desconhecida. Muitos modelos educacionais, inclusive que predominam no Movimento Espírita (para crianças, jovens e adultos), estão mais próximos dos modelos de educação tradicional e dos efeitos da Revolução Industrial, do que do método desenvolvido por Kardec. Denominamos esse modelo de *Paradigma Kardequiano*, convidando os espíritas a estudar e reconhecer os princípios da educação moral por ele proposto. Esse paradigma concilia diferente método de aprendizagem, aliado aos elementos da *psicologia da moral*. Constata-se que, embora os espíritas tenham aderido aos conceitos da Doutrina Espírita, o maior impacto social e moral para a humanidade, decorre do método de educação moral proposto pelos Espíritos e organizado pelo Codificador. Sem ele, a doutrina se fragiliza e suas ações não ultrapassam as paredes da instituição, para realmente transformar a sociedade, como Kardec vislumbrou.

Palavras-chave Princípios da educação moral, Autodescobrimento, Métodos de aprendizagem, Psicologia da moral.





Um estranhamento paira no ar, um sentimento de vazio, de impotência e desorientação assola educadores, tanto pais como professores, exigindo mudanças. Vive-se uma grande crítica ao modelo tradicional de educação, que não consegue se impor às crianças da atualidade como se fazia há décadas. Os sinais de desmotivação e de desinteresse são generalizados e uma certa insubmissão dos educandos assombra os adultos. Pais e educadores, com intuito de superar os métodos educativos conhecidos, traumatizados pela experiência do autoritarismo a que foram submetidos, adentraram o outro extremo, da ausência de autoridade. Trazem graves feridas na autoestima e nas relações afetivas, sem reconhecer suas dores e lidar com elas, projetando-as em seus filhos, repetindo o mesmo equívoco de não enxergar as verdadeiras necessidades deles, que se tornam incapazes de educá-los como precisam. Esse extremo oposto que vivemos hoje também produz danos psíquicos, mas de outra ordem, ainda não bem conhecidos, em termos de consequências morais. As crianças e os jovens se percebem em uma condição de falta de direcionamento, que somada às suas inteligências, torna-os manipuladores e autoritários, invertendo a ordem das coisas.

É evidente que o paradigma tradicional da educação não foi suficiente para a moralização dos homens, do mesmo modo que as religiões impositivas e castradoras têm cada vez menos espaço na sociedade. Porém, o extremo oposto também não é saudável, deixando assim um vácuo em termos educacionais, tanto na educação de crianças e jovens, como na de adultos. A descrença, o vazio existencial e a falta de sentido dominam mentes e corações, e se refletem na indiferença, nos transtornos mentais e nos conflitos e desigualdades sociais.

As críticas à educação tradicional foram expostas numa obra pouco conhecida pelos espíritas: *Plan proposé pour l'amélioration de l'éducation publique* (1828)¹, do pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail (conhecido futuramente por Allan Kardec), diretor da escola da Academia de Paris e membro de diversas sociedades científicas.

1. Kardec "Plano proposto para a melhoria da educação pública".



Conhecer-se não é fazer um mapeamento dos defeitos para daí combatê-los. Isso é a visão antiga do pecado, sem fundamento psicológico

A análise que o discípulo de Pestalozzi faz do modelo educacional da época, sem dúvida, ainda é atual e serve perfeitamente para as práticas educacionais vigentes que, por ironia, utilizamos também dentro dos Centros Espíritas, com crianças, jovens e adultos, para ensinar o Espiritismo. A contradição é que utilizamos nas reuniões espíritas para ensinar Espiritismo justamente os métodos que ele criticou como educador, e esperamos ter os resultados que ele tinha e almejou.

Somadas às reflexões pedagógicas de Rivail, os aspectos morais do desenvolvimento humano que foram oferecidos pelo Espiritismo, apresentam uma solução para a crise atual da educação. O fato é que poucas pessoas atentaram para isso, para a complexidade e a profundidade do seu pensamento, e por isso, até hoje, a revolução educacional a que ele oferece base não é reconhecida.

Este artigo resgata algumas colocações de Rivail no âmbito pedagógico, aliadas às colocações de Kardec para desenhar o modelo educacional que está insito no pensamento dele, em consonância com os ensinamentos dos Espíritos, no que aqui chamaremos de "Paradigma Kardequiano".







Uma mudança paradigmática

Vivemos uma crise educacional que nos obriga a rever a noção de educação, seu papel e seus métodos. Há necessidade de uma reestruturação profunda, que reoriente as bases, mais do que ajustes ou melhorias, e por isso afirmamos que há necessidade de uma mudança paradigmática.

O modelo educacional ainda vigente tem pesadas correntes no século XVIII, profundamente influenciado pela Revolução Industrial que amplia a oferta da escola para formar e atender a necessidade de mão-de-obra das fábricas (Saviani, 2007), mesmo com a influência positiva do romantismo e de propostas filosóficas idealistas e espiritualistas diversas, como as de Pestalozzi, Schelling, Hegel, Kierkegaard e outros que apresentavam ideais contrários a essa formação mecanicista (Coelho, 2019). Há quem afirme, de todo modo, que o modelo educacional brasileiro foi influenciado pela mesma postura de catequização de índios, das ações pedagógicas jesuítas, o que nos remeteria ao século XVI (Mesquida, 2013)².

Interessante perceber que mesmo por diferentes influências, o objetivo era o mesmo, de adaptação dos sujeitos para atender a interesses outros, como se esses sujeitos fossem mais uma peça de uma grande engrenagem, sem individualidade, sem capacidade de escolha. Não são poucos os autores que desvelaram esses interesses escusos, por diferentes ângulos, a exemplo dos estudos sobre os mecanismos de poder e subjugação do filósofo francês Michael Foucault; da violência simbólica da autoridade arbitrária, do sociólogo também francês Pierre Bourdieu; da manutenção das desigualdades sociais, do filósofo africano Louis Althusser; da perpetuação do sistema capitalista, do filósofo e historiador italiano Antônio Gramsci, para citar apenas algumas das mais conhecidas concepções.

2. A catequese enquanto educação informal, objetivava 'salvar as almas' dos homens primitivos, que ao mesmo tempo que eram submetidos à cultura letrada do colonizador, também eram domesticados, tornando-se mão-de-obra nas fazendas.

Percebemos facilmente a presença do modelo tradicional influenciado pelas demandas das fábricas, por meio das relações de poder e pelos interesses capitalistas, quando atentamos aos rígidos horários, ao discurso de disciplina como virtude, à exigência de presença, à reprodução de comportamentos, ao cumprimento de tarefas, e principalmente à exclusão a que são submetidos todos que não se enquadram no modelo. Embelezamos o sinal que exige a troca de um professor para o outro, e que autoriza o horário de lanche. Já melhoramos os refeitórios, mas ainda atuamos a partir da lógica de que o sujeito deve se adaptar à escola, e não o contrário. No paradigma tradicional, o professor ocupa o lugar de centralidade, e é a instituição que delimita o que as pessoas precisam aprender, quando, como e por quanto tempo. Como o sujeito deve se adaptar à instituição, e não o contrário, raras são as vezes em que se leva em consideração as necessidades, os interesses e as características dos educandos. O currículo define o que deve ser ensinado, sem levar também em consideração a realidade do professor, nem a relação horizontal entre educador e educando. O aluno é considerado receptor dos conteúdos, aquele que desconhece o mundo. E o momento da avaliação, onde é exigido que o aluno reproduza o conteúdo exatamente na mesma forma que recebeu do professor, evidencia a questão conteudista, o modelo classificatório e a desconsideração da subjetividade humana, embora as propostas pedagógicas descrevam belamente a função da escola no desenvolvimento das habilidades e do potencial humano.

Certamente que alguns países e muitas escolas já têm buscado novos métodos e variadas ações, desde a crítica à educação bancária e o paradigma emancipatório de Paulo Freire (1921-1927) até às mais modernas metodologias ativas de aprendizagem. Alguns direcionamentos foram dados pela andragogia de Malcom Knowles (1913-1997) na perspectiva de educação de adultos, desenvolvendo princípios que trazem o sujeito para o centro do processo, e que se aplicam perfeitamente à pedagogia. Porém, reconhecemos que Rivail, há quase 200 anos, já apontava para o redirecionamento da atuação opressiva, estimulava a revisão de quem está a serviço de quem, e ainda, a isso, acrescentava a dimensão moral de forma humanizada, servindo ao educando para o desenvolvimento de sua integralidade.





A educação para Allan Kardec

O humanismo remonta às propostas de Sócrates, Platão e Aristóteles, para os quais a integridade entre conhecimento e bondade seriam passíveis de prova racional. Pensar corretamente implica em bem administrar a vida, valorizar as coisas em seu devido lugar, e com justa medida. O humano prudente e sábio, portanto, seria inevitavelmente bom, porque está consciente de si. Por muitos séculos, a educação foi sinônimo de cultivo do caráter e do intelecto, em relação harmônica, sendo este o fundamento de todos os diversos humanismos, que renasciam sempre após certo eclipse da civilização e da cultura. E, infelizmente, essa compreensão de educação se perdeu ao longo do tempo. Se se mantivesse, já produziria uma grande revolução educacional, se levada a sério, em especial nas instituições religiosas. Porém, em termos de humanização, de conciliação dos aspectos intelectuais e morais, Kardec foi além e merece mais atenção nesse quesito.

A educação, segundo Allan Kardec afirma em *O Livro dos Espíritos*, é o principal meio de transformação de uma sociedade, mas para que ela cumpra com o seu papel, ela precisa ser bem compreendida. No opúsculo de 1828, Rivail parece descrever os dias atuais: "Todos falam da importância da educação, mas esta palavra é, para a maioria, de um significado excessivamente impreciso, porque existem poucas pessoas que se encontram em condições de fazer uma ideia exata de tudo o que ela abrange." (Rivail 2005, 11).

A sua era a arte de formar homens, desenhada pelo eclodir das virtudes e pelo abafar dos vícios, somado ao desenvolver da inteligência e de dar instruções próprias às necessidades dos educandos. Conseguia, assim, abarcar as necessidades do corpo, da mente, e ao mesmo tempo, as faculdades morais. Essa integração se faz cada vez mais necessária, pois que hoje sofremos as consequências das escolas terem 'educado' sujeitos que são capazes de utilizar de sua inteligência para prejudicar a própria sociedade da qual fazem parte, como a exemplo de advogados que defendem criminosos e os devolvem ao convívio social sem a reabilitação necessária, médicos que se aliam à indústria farmacêutica mais do que aos seus pacientes para serem beneficiados, bioquímicos que desenvolvem armas biológicas para prejudicar as pessoas, marqueteiros que dominam as ciências do comportamento para manipular as pessoas, entre tantos exemplos da inteligência mal utilizada pela falta de um olhar moral para a educação.

A educação moral de Allan Kardec

Em um comentário à questão 685 de *O Livro dos Espíritos*, referente à Lei do Trabalho, Kardec escreve algumas linhas que merecem muita reflexão e análise:

“Há um elemento, que se não costuma fazer pesar na balança e sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria. Esse elemento é a Educação, não a Educação intelectual, mas a Educação moral. Não nos referimos, porém, à Educação moral pelos livros e sim à que consiste na arte de formar os caracteres, à que incute hábitos, porquanto a Educação é o conjunto dos hábitos adquiridos.” (Kardec 2009, Questão 685)

Neste pequeno trecho, ficam estabelecidos os três tipos de Educação para o Codificador: a *educação intelectual*, a *educação moral pelos livros* e a *verdadeira educação moral*.

A *educação intelectual* está na assimilação de conteúdos intelectuais. À medida que nos apropriamos de maior conteúdo do mundo material, dizemos que somos “educados”, isso, então, intelectualmente falando. Uma pessoa que não passou anos na escola não tem o mesmo repertório cultural, mas não necessariamente pode ser classificada como mais ou menos evoluída. A *educação intelectual* é necessária, como já sinalizamos, embora até ela esteja vivendo uma revolução com os métodos inovadores que estão surgindo.

A *educação moral pelos livros*, por sua vez, consiste na assimilação de conteúdos de ordem moral, mas não em sua aplicação. Se detém em questões morais, mas a valorização dos conteúdos, dos conceitos e das formas, excede o olhar que se deveria ter para o sujeito, em um movimento de fora para dentro. Há pessoas que são ‘educadas’, no sentido intelectual, que sabem falar sobre a conduta moral, comentar, e têm uma elaboração conceitual adequada, moralmente falando, mas, como se diz no cotidiano, a teoria não condiz com a prática. É certo que há uma mudança, mas que seja dito, é uma mudança apenas do comportamento, uma adequação às exigências externas sem o verdadeiro despertar da consciência, e, por isso, não pode ser chamada de transformação moral.





Aqui é preciso fazer uma pausa para diferenciar a mudança comportamental e moral. Se moral é a “regra de bem proceder”, conforme estabelecido na questão 629 de *O Livro dos Espíritos*, então devemos considerar a diferença entre ‘regra’ e ‘proceder’. Ao definir moral como ‘a regra’, devemos assumir que moral não é o proceder em si, mas a motivação, a intenção (muitas vezes inconsciente) que leva o indivíduo a proceder assim.

Trazendo para o cotidiano, percebemos que uma criança é egoísta. É um ‘proceder’ inadequado e tentamos inibir a atitude, querendo o aparecimento de outras ‘mais adequadas’. Para isso, lançamos mão de inúmeros recursos que vão desde ameaças e barganhas, até tentativa de convencimento pela vitimização, ou dizeres como “se você não emprestar o brinquedo para seu colega não te levarei para tomar sorvete”. A criança muda o ‘proceder’, há uma transformação, mas que não é moral, e sim, puramente comportamental. A ‘regra’ que lhe fazia agir egoisticamente não se transformou. Talvez ela tenha mudado o proceder justamente por egoísmo, por querer se beneficiar com o prometido, então a regra não sofreu alteração, nem está de acordo com a lei divina. Isso irá acompanhá-la na idade adulta, ‘procedendo’ adequadamente, sem identificar que por trás da conduta – muitas vezes até inconscientemente – a sua regra é o interesse, para ser beneficiada ou por medo de ir para o umbral.

Isso de alguma forma já estava posto por Jesus quando fez tantas críticas aos doutores da lei (Marcos 12: 38-40), aos fariseus (Lucas 18: 9-14), aos sepulcros caiados (Mateus 23: 27-32), em contraponto à exaltação da viúva que oferecia o seu óbolo (Marcos 12: 41-44 e Lucas 21: 1-4). Reconhecemos que embora na *educação moral pelos livros* e na *verdadeira educação moral* o comportamento humano está em jogo, mas na prática elas são bem diferentes e, por isso os educadores precisam ser hábeis em perceber essa diferença de métodos. Rivail é duro na forma de exigir que qualquer educador tenha esse tipo de conhecimento do que está fazendo, para que não prejudique o desenvolvimento moral dos seus educandos:

“Faço tanto caso de um educador que não estudou sua arte, quanto de um charlatão que recomenda drogas que ele diz aprovadas pela Academia de Medicina. Sei bem que para a instrução tem-se o cuidado de escolher professores hábeis, mas existe uma grande diferença entre um professor e um educador; o primeiro limita-se a ensinar, para cumprir bem a sua tarefa basta ser instruído e ter um bom método; mas o segundo está encarregado do desenvolvimento completo do homem, e é o que se liga menos. Se o primeiro é sem talento, ele só fará ignorantes, o outro além disso, fará homens viciosos.” (Rivail 2005, 35)



Pouco se entende que a transformação moral se consolida pelo autoconhecimento e não pelo esforço arbitrário da mudança de atitudes

Vai além nesse processo de diferenciação, afirmando que se trata de duas ciências distintas, aquela que desenvolve o intelecto e a que desenvolve a moral. Em um artigo da *Revista Espírita* ele declara que “Um dia compreenderão que este ramo da educação [moral] tem seus princípios, suas regras, como a educação intelectual, numa palavra, que é uma verdadeira ciência” (Kardec 2019, 63).

Todo evangelizador é um educador. Mas além disso, todo palestrante, ou coordenador de estudos, atendente fraterno, dialogador nas reuniões mediúnicas ou mesmo dirigente da instituição, são educadores – lidam com o ser humano e necessitam de compreender os princípios da *verdadeira educação moral* para bem desempenhar suas tarefas ao invés de formar homens viciosos. Mas fato é que muitos Centros Espíritas estão mais próximos dos métodos da *educação intelectual* ou da *educação moral pelos livros*, do que do Paradigma Kardequiano, e vamos demonstrar o porquê.



CEI

Conselho Espírita Internacional



O Paradigma Kardequiano

Para compreender o Paradigma Kardequiano da educação moral, precisamos nos ater a dois elementos ao mesmo tempo: o desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento moral, e como eles se conectam, se alimentam e se integram em favor da evolução humana. Essa que foi apresentada pelos Espíritos ao afirmarem que a evolução é a consequência do progresso intelectual e moral, como “duas forças que só com o tempo chegam a equilibrar-se” (Kardec 2009, questão 780).

Uma abordagem que se detenha nos aspectos morais sem o desenvolvimento intelectual, tende a ser castradora, impositiva, sem reflexões. Esses foram os anos de escuridão da história, onde as religiões, negando a racionalidade, impunham a fé cega à qual Kardec também se opôs. O discurso religioso sem a crítica e a racionalidade pode tornar-se superficial, vazio ou até desumano. Porém, o Codificador também reconheceu que a moral pode falsear a razão (Kardec 2009, questão 75a), pois o orgulho ou o egoísmo interferem na forma de interpretarmos o mundo, a nosso bel-prazer. Ou seja, o desenvolvimento do intelecto sem os aspectos morais também pode gerar danos para a humanidade. Acha-mos que estamos fazendo uso da razão, num modo individualista de sistema econômico por exemplo, que produz exclusão e sofrimento, sem reconhecer os estragos que causamos, e justificamos os danos pela culpabilização das próprias vítimas.

O Iluminismo, ou o século das luzes, trouxe a racionalidade, mas devido a toda a história religiosa de opressão, perseguições e violência “em nome de Deus”, opôs-se a qualquer vertente moral, e por esse movimento, foi ao outro extremo. Se a moralidade sem o aspecto intelectual é cega e pode conduzir o homem à crueldade conforme demonstrado pela história, segundo Emmanuel, a intelectualidade sem a moral é intelectualismo, ou um egoísmo isolacionista (Xavier 2013, 136-7).

A inteligência permite a aquisição de conhecimento, e, portanto, o discernimento do bem e do mal (Kardec 2009, questão 780a), que está diretamente conectado com o desenvolvimento moral. Portanto, se desejamos uma educação (e uma religião) que produza transformações em maiores escalas, precisamos educar as pessoas para o estudo, o desenvolvimento da crítica, do intelecto, pois ainda se falha muito

nesse quesito, porém sem desconectar das questões morais. Mas a educação moral é algo extremamente complexo e que exige o novo paradigma para ser exitosa. Quando o paradigma tradicional é utilizado para educar em termos morais, o despertar da consciência fica comprometido pois a educação tradicional exige mais memorização e repetição do que razão e esclarecimento. O acúmulo de conhecimento, a aplicação de currículos e supervalorização do conteúdo dá a falsa impressão de que estamos promovendo o desenvolvimento da razão que dá o discernimento entre o bem e o mal. Porém, a inabilidade das pessoas de aplicar as teorias no seu cotidiano denuncia essa grave diferença, e que pouco sabemos sobre o desenvolvimento das habilidades, embora tenhamos muita habilidade na reprodução de conteúdo.

Sendo assim, o desafio que o Paradigma Kardequiano impõe é duplo: desenvolver uma prática educacional (para crianças, jovens e adultos) que promova o desenvolvimento intelectual, mas sem deixar de observar as leis do desenvolvimento moral. Há que se compreender a educação como ciência, para ter-se clareza do que estamos fazendo, ao invés de repetirmos os modelos aos quais fomos submetidos, sem grandes fundamentações filosóficas, pedagógicas nem psicológicas. É preciso estudar as vertentes históricas, filosóficas e sociais dos modelos educacionais para construir um posicionamento crítico frente a tantos desentendimentos e interesses silenciosos, rompendo com o modelo tradicional que, embora muito criticado, ainda se mantém vivo, prevalecendo em nossas instituições. Mas a principal questão é que, como se isso já não fosse pouco, é preciso o estudo significativo do processo de transformação moral (que é distinto do que ainda se ouve discursar no Movimento Espírita), exigindo, como Kardec mesmo anunciou há tanto tempo, “[...] um conhecimento profundo do coração humano e da psicologia moral [...] Estes meios, repito-o, devem ser estudados como se estudam os remédios da medicina” (Rivail 2005, 33-4). Sendo assim, vamos analisar esses dois aspectos da educação: o desenvolvimento da inteligência e o desenvolvimento moral, em busca de definir o que é a psicologia da moral que ele anunciou.





O Paradigma Kardequiano e o desenvolvimento da inteligência

O conhecimento é importante pois é parte do processo de despertar da consciência. Dessa forma, o Paradigma Kardequiano pressupõe uma atuação pedagógica diferente do ensino tradicional, que muito ainda precisa ser refletida pela dificuldade que temos em abrir mão dos modelos vigentes, trazendo o sujeito para a centralidade do processo.

Em termos do método educacional, há várias importantes colocações nas obras citadas que sinalizam as divergências do jovem pedagogo em relação ao ensino tradicional. Além do já exposto até aqui, queremos ressaltar algumas outras que certamente produzem mudanças basilares na forma de pensar a educação no Centro Espírita, e que poderão repercutir para além dele.

No seu texto pedagógico, afirma:

"(...) negam-se a lhes ensinar o que elas desejam saber; perde-se assim a ocasião mais favorável, porque seu espírito estava disposto a isso; enquanto que se quer, ao contrário, ensinar-lhes à força, e de uma forma tão seca quanto entediante, coisas de que eles não têm a utilidade de modo nenhum [...]" (Rivail 2005, 80)

Que frase impactante: "recusa-se a lhes ensinar o que elas desejam saber." Os métodos educacionais que acreditam saber o que o educando precisa, vão matando o envolvimento do sujeito, podando seus estímulos, desde os primeiros dias de sala de aula (ou no Centro Espírita), e quando ele é jovem, nos sentimos impotentes frente a tamanha desconexão. Como estamos na centralidade, vemos a atitude de desmotivação, como se fosse má-vontade ou alguma questão pessoal "dessa geração", sem perceber que foi o próprio modelo que produziu isso.

Essas reflexões impactam diretamente em toda a estrutura e organização de ensino, pois quando vinda de uma concepção autoritária, na maioria das

vezes os conteúdos são definidos de antemão, organizados por uma suposta lógica que não se preocupa em ouvir o interesse do sujeito, e ainda, são estabelecidos por uma noção de pré-requisito que acaba por desconsiderar a utilidade daquilo para o sujeito da educação.

Todo currículo ou percurso de estudo, tanto para crianças como para adultos, que esteja determinado antes de se conhecer as pessoas que vão estudar naquele momento acaba, indiretamente, por ser alvo da crítica do pedagogo francês. Cada ser humano é diferente, com características, interesses, modos de aprender diversos, e o Centro Espírita por desconhecer o Paradigma Kardequiano, continua oferecendo uma estrutura rígida, definida a priori para todos que o procuram. Os motivos que levam as pessoas a procurar uma instituição espírita são diversos, mas continua-se a oferecer um único percurso de aprendizagem para todos. Todos devem fazer os mesmos estudos, no mesmo tempo, como se tivessem os mesmos problemas, as mesmas demandas, a mesma capacidade cognitiva, a mesma história... Na evangelização não é diferente, e às vezes ainda pior, valorizando mais a idade cronológica (dessa reencarnação) do que os interesses e necessidades. Enquanto o foco estiver no conteúdo, e num pressuposto autoritário de que "eu sei o que o outro deve aprender", continuaremos nos debatendo com os números de evasão, de falta de motivação, entre outras consequências de não termos aprendido com Rivail a "não desperdiçar as oportunidades de aprendizagem".³

3. É certo que enquanto o modelo está centralizado no professor, a única alternativa que parece viável para esses moldes é uma abordagem individual de ensino. Mas isso não é verdade. Ainda pensamos em um ensino individualizado pela incapacidade de pensar que a aprendizagem pode se dar sem o 'ensino' do professor. Ele sai desse centro para que seja ocupado pelo indivíduo, e o educador assume um lugar de auxiliar, de orientador, de suporte. Descentralizando a atuação do professor é possível ele ter um grupo.

O exemplo que o educador francês oferece da juventude é outro excelente apontamento, pois até mesmo nas instituições religiosas sentimos isso, onde muitas pessoas precisam ser 'intimidadas' a estudar, para não dizer 'obrigadas', com silenciosas punições do tipo "se não estudar não pode dar passe", ou "se não estudar não pode fazer parte da mediúmica", revelando o fracasso dos métodos de estudo que são incapazes de tocar os sujeitos. Diz ele:

"Quantos jovens vemos arrastando-se penosamente durante anos pelos bancos escolares e que, semelhantes aos bois que vão para a frente apenas quando o agulhão os pressiona, só avançam à custa de punições, ou pela isca que se coloca diante deles para os atrair!" (Rivail 2005, 78)





Isso revela a nossa dificuldade de nos descolarmos do modelo tradicional onde a escola, como instituição total, de poder, se estabelecia e exigia que as pessoas se adaptassem a ela, ao invés do contrário. Essa é exatamente a proposta do educador parisiense: "Tornai a ciência agradável; colocai-a ao seu alcance; entrai em sua esfera e não procureis fazê-la entrar na vossa: tais são os meios de cativar sua atenção" (Rivail 2005, 81).

O Paradigma Kardequiano propõe uma revolução, onde o educador precisa ir ao encontro dos educandos, usando ferramentas e estratégias para conhecê-los melhor, e a partir daí, buscar os conteúdos e as reflexões, aliados aos métodos que integrem a coletividade, para auxiliar o sujeito na sua verdadeira transformação moral, de dentro para fora. O conteúdo não deixa de ser importante, mas ele é oferecido pelo educador após identificadas as necessidades e características daquele que procura a instituição. Dessa forma, o conhecimento está ao serviço do educando, e não o contrário, como temos visto.⁴

Há ainda inúmeros outros apontamentos de Rivail no seu pequeno-grande texto, que merecem estudo detalhado. Porém, achamos de grande monta os aqui oferecidos, e que se postos em prática, produzirão imensas transformações.

4. Algumas instituições já têm conseguido romper com o modelo tradicional de ensino e organizar a evangelização e os estudos por temas, ou por estudos de casos, por resolução de problemas, dando aos indivíduos a oportunidade de escolher conforme suas necessidades, e de desenvolver um percurso de aprendizagem no Centro Espirita conforme os seus interesses – sempre integrado à coletividade. Porém, essas ações ainda são incipientes pela falta de pessoas que se dediquem a compreender os novos princípios educacionais, e muitas vezes acabam por ser alvo de duras críticas por todos aqueles que se mantêm aferrados ao modelo educacional do século XVIII (muitas vezes sem o conhecer).

O Paradigma Kardequiano e a psicologia da moral

Com Rivail temos o sujeito, seus interesses e necessidades, como o centro do processo educacional, e o educador a serviço dele – coisa que ainda temos muita dificuldade de fazer. Entretanto, é com os textos espíritas que o Paradigma Kardequiano completa sua teoria da educação, pois ali está descrito um processo de educação moral jamais falado até então, e que ainda hoje não é identificado, e menos ainda aplicado, em sua excelência.

Kardec já sinalizou que a educação moral tem seus princípios próprios, mas ainda não sabemos direito definir isso, e pouco empenho se vê no Movimento Espírita para fazê-lo. Rivail sinaliza uma psicologia da moral, pois que é toda uma ciência de como o homem se transforma para melhor, muito mais complexa do que o reducionismo que hoje impera na sociedade, da simplista mudança comportamental ou do esforço para não ser algo, como se o suprimir de um vício significasse desenvolvimento de uma virtude.

Em nossa opinião, alguns princípios da educação moral estão estabelecidos em *O Livro dos Espíritos*, que precisa ser melhor analisado pelos espíritas, para que seja de fato a base educacional superada, da utilização do medo, do combate ao pecado, e da fantasia de superação do mal pela negação do corpo e das paixões. Infelizmente o método de educação moral que prevalece no Movimento Espírita ainda é bastante semelhante àquele do período medieval e aos discursos desprovidos de fundamentos psicológicos e educacionais, que predominavam na Igreja Católica. Sem perceber, muitos espíritas trocam o uso do inferno pelo umbral, mantendo o medo como motivação ao invés de compreender os estados de consciência; deixam de culpar Satanás para atribuir o mal aos obsessores, negando a definição de mal oferecida por Kardec; não acreditam mais no Deus punitivo, mas discursam duramente sobre a Lei de Causa e Efeito sobreposta à Lei de Amor ensinada por Jesus; se detêm nos pecados e combatem as paixões sem entender funcionamento e causas, numa lista sem fim de mudanças exteriores que delatam o desconhecimento do inconsciente e de tudo aquilo que a psicologia já ensinou que se produz com a repressão dos impulsos.

Em busca dessa psicologia da moral, vamos estabelecer alguns direcionamentos. O primeiro deles é da superação da noção de pecado e do seu combate. Allan Kardec fala de paixões, e mais ainda, que elas não devem ser combatidas pois que decuplicam as forças do homem. É um princípio completamente diferente do que tínhamos até então, de identificação e combate dos pecados. Pelo estudo das paixões descobrimos





que, ao eliminar um suposto problema, estamos eliminando também um potencial. Kardec propôs uma mudança radical, que hoje já encontra fundamentos nas psicologias profundas (que vieram depois do Espiritismo), mas que reforçam e explicam com mais detalhes um princípio de transformação humana – o não combate do mal. Esse entendimento é reforçado pela forma como Kardec define o mal em *A Gênese*, pois que sendo a ausência do bem, como o frio é a ausência do calor, entendemos que ao invés de combater algo, precisamos descobrir caminhos diferentes daqueles aprendidos na Igreja Católica de antigamente. Abandonamos assim a tentativa de asfixiar a raiva, a inveja, o ciúme ou a arrogância, pois não há fundamentação psicológica nessas ações, e começamos a tentar conhecê-las como forças da alma, como manifestações adoecidas do princípio divino.

Isso abre espaço para um outro princípio que também não é assim reconhecido. Na questão 913 aprendemos que o egoísmo é a raiz de todos os vícios, e que inutilmente os combateremos [aos demais vícios] se não houvermos atacado o mal em sua raiz. Quanto conhecimento precioso a respeito da psicologia da moral para todos aqueles que tentam combater os vícios morais. Os Espíritos já disseram que o método de transformação tem a ver com buscar as raízes, ao invés de brigar com as manifestações – e quantas vezes isso direciona os estudos de nossas instituições? Por que continuamos tentando convencer as pessoas de não serem assim ou assado ao invés de levá-la ao conhecimento de como o egoísmo está na base de tudo?

No mesmo tom somos remetidos à questão 919, com consequências metodológicas ainda mais desafiadoras. Ao serem questionados qual seria o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar moralmente e não ser arrastado pelo mal, na questão 919, os Espíritos apontam para a frase esculpida no Templo de Delfos, pelos sete sábios “Conhece-te a ti mesmo”. Muito se divulga a questão 919, mas pouco se entende que a transformação moral se consolida pelo autoconhecimento e não pelo esforço arbitrário da mudança de atitudes.

O que somos hoje é produto de milhares de reencarnações e não pode ser transformado pela vontade egóica da atual reencarnação. Isso decorre de uma má interpretação da questão 909, do uso da vontade para vencer as más inclinações. A capacidade de conter as más inclinações é que nos tira da sel-

vageria, mas ainda é muito pouco em termos de desenvolvimento das virtudes. O primeiro se dá pelo uso da vontade, e o segundo, pelo auto-descobrimiento. Isso é corroborado pela definição de verdadeiro espírita, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que é reconhecido “pela sua transformação moral, e pelo esforço que faz em domar suas más tendências” (Kardec 2006, 311). O domar das más tendências é da ordem do comportamento, daquilo que está à nossa altura e obrigação, de contermos os impulsos ao invés de sermos governados por eles. Enquanto que a transformação moral é da dimensão profunda do ser, e da qual pouco ainda entendemos em termos de princípios educacionais.

É difícil de entender essa abordagem porque ela nos exige uma desconstrução da noção de reforma íntima, de esforço por modificar comportamentos, que muitas vezes são mudanças egóicas. Conhecer-se não é fazer um mapeamento dos defeitos para daí combatê-los. Isso é a visão antiga do pecado, sem fundamento psicológico. Não entendemos direito como o autodescobrimiento transforma as pessoas, mas a Psicologia tem demonstrado que as nossas doenças, os transtornos mentais e os vícios são decorrentes de querermos ser algo que não somos, de escondermos as nossas verdades de nós mesmos, então, parece que aos poucos vamos entendendo o quanto o conhecimento de quem somos pode realmente nos transformar moralmente. O desconhecimento pessoal faz o ser humano estabelecer regras internas (aquela moral) que não condizem com a realidade, atribuindo-se um sentimento de superioridade ou de inferioridade, de urgência ou de necessidade que quase sempre não condiz com a realidade. Conhecer-se é também conhecer o próprio valor, o seu lugar no mundo, e a sua relação com o próximo e com Deus – e esse conhecimento nos cura. Quando conhecemos a verdade, as regras se modificam, e por consequência, há transformação de comportamento, mas essa não ocorreu por um esforço do ego, e sim, pelo despertar da consciência. Disso temos que nos questionar: se o autodescobrimiento já foi anunciado como o caminho para a transformação moral, porque ainda não nos debruçamos sobre ele para compreender esse princípio, e assim, torná-lo um dos aspectos centrais do Centro Espírita?







Se o autodescobrimento já foi anunciado como o caminho para a transformação moral, porque não (...) torná-lo um dos aspectos centrais do Centro Espírita?

O desafio aos espíritas

Allan Kardec, o Codificador do Espiritismo é um dos maiores educadores da história, embora ainda muito pouco conhecido no mundo, e os espíritas têm grande responsabilidade nisso, por não reconhecerem a profundidade de sua obra enquanto teoria da educação moral.

O Consolador Prometido é uma verdadeira *psicologia da moral*. Porém, sem o entendimento das suas bases educacionais e do processo de transformação moral, o Espiritismo mais se aproxima das vertentes tradicionais de educação, superficiais e ultrapassadas.

Hoje o Espiritismo tem sua base conceitual estabelecida. Não há sérios questionamentos a respeito da reencarnação, da imortalidade da alma, da pluralidade dos mundos e da comunicação com os Espíritos, contudo, nos parece que o grande salto que o Movimento Espírita precisa dar para produzir um maior impacto social e moral na humanidade decorre da apropriação do método de educação moral proposto pelos Espíritos e organizado pelo Codificador. Sem ele, a Doutrina se fragiliza e suas ações não ultrapassam as paredes da instituição, para realmente transformar a sociedade, como ele vislumbrou.

BIBLIOGRAFIA

COELHO, Humberto S.. 2019. "Matrizes filosóficas do espiritualismo moderno". In: Gomes, Adriana; Cunha, André V. Seal da; Pimentel, Marcelo Gulão. *Espiritismo em Perspectivas*. Salvador: Sagga.

DIAS, Haroldo D. 2013. *O Novo Testamento*. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 2006. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB. KARDEC, Allan. 2009. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB.

KARDEC, Allan. 2019. "Primeiras noções de moral na infância". *Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos*. Rio de Janeiro: FEB. (Ano VII, N. 2 (Fev. 1864): 59-62).

MESQUIDA, Peri. "Catequizadores de índios, educadores de colonos, Soldados de Cristo: formação de professores e ação pedagógica dos jesuítas no Brasil, de 1549 a 1759, à luz do Ratio Studiorum". *Demanda Contínua, Educ. rev.*, N. 48 (Jun. 2013). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602013000200014>.

RIVAIL, Hippolyte D. (1828) 2005. *Plano Proposto para a Melhoria da Educação Pública* (Tradução de Albertina Escudeiro Sêco). Rio de Janeiro: Edições Léon Denis.

RIVAIL, Hippolyte D. (1834) 2005. "Discurso Pronunciado na Distribuição de Prêmios – 14 de Agosto 1834. Instituição Rivail, Rue de Sèvres, 35". In *Kardec Educador: Textos Pedagógicos de Hippolyte Léon Denizard Rivail* – tradução, apresentação, organização e notas de Dora Incontri e Przemyslaw Grzybowski. Bragança Paulista: Editora Comenius.

SAVIANI, Dermeval. 2007. "Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos". *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 34. (jan/abr 2007): 152-180.

XAVIER, Francisco C. 2013. *O Consolador*. Brasília: FEB.





Palestras Famíliares de Além-túmulo **Hoje**

Diretriz de segurança

Mensagem psicofônica recebida pelo MEDIUM

Divaldo Pereira Franco

Pelo Espírito Bezerra de Menezes

Diretriz de **Segurança**



“

**A morte é nada
mais do que a
transformação de
moléculas que
voltam à química
original do subsolo
para novas
conjugações
atômicas.**



Photo by Dewang Gupta on Unsplash

Deveremos convertermo-nos em chamas vivas, para que nunca mais haja escuridão na Terra.

É necessário que o nosso amor se transforme em esperança e alegria.

Há tanta dor esperando por nós, tantas lágrimas a enxugar, tanto sofrimento, que temos vergonha de ser felizes.

Espíritas, meus filhos, transformai as lições profundas da Codificação Espírita numa diretriz de segurança, para encontrardes a plenitude.

Nós, aqueles que atravessamos o portal de cinza e de lama, de que se nos constitui o corpo, voltamos para dizer-vos: *Amai a vida, em todas as suas expressões, porfiai no bem, e crede, Cristo vive.*

A morte é nada mais do que a transformação de moléculas que voltam à química original do subsolo para novas conjugações atômicas.

O amor à luz da caridade é o maior tesouro que podemos carregar.

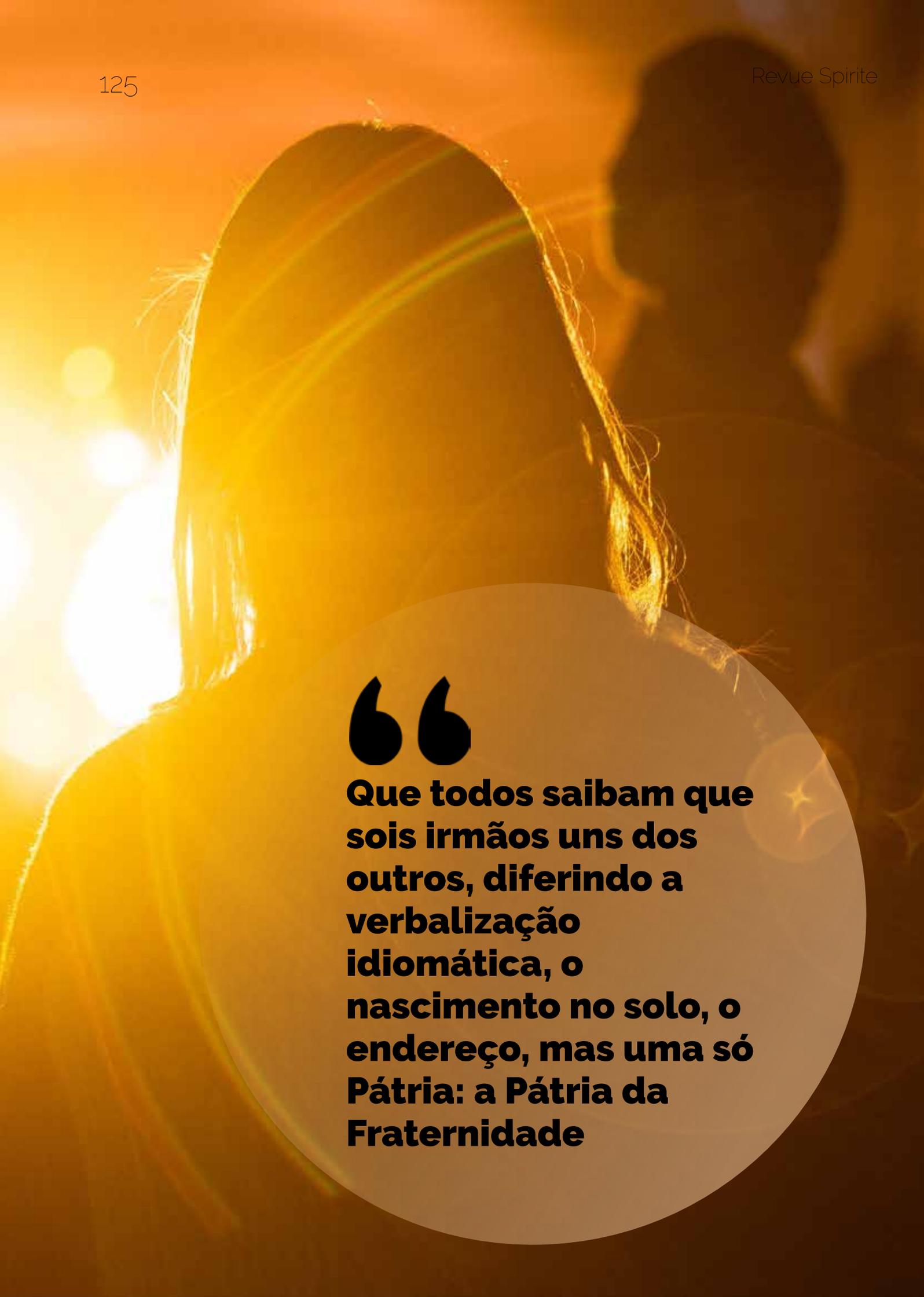
Onde estejais que brilhe a Luz do Senhor, e que todos saibam que sois irmãos uns dos outros, diferindo a verbalização idiomática, o nascimento no solo, o endereço, mas uma só Pátria: a Pátria da Fraternidade.

Uni-vos, porque unidos no amor, sois uma força indestrutível, mas separados, sereis vencidos pelas próprias paixões e, procurai levar sem temor a mensagem de Vida Eterna.

Não tendes mais as arenas, nem as cruzes, nem os empalamentos, nem as fogueiras, mas tendes as paixões internas a vencer.

Os Espíritos-espíritas deste Congresso, em nome de Léon Denis, que patrocina o evento mundial, por intermédio deste servidor, suplica a Deus que a todos nos abençoe e nos guarde em muita paz,

O servidor humílimo e paternal de sempre,
Bezerra



“

**Que todos saibam que
sois irmãos uns dos
outros, diferindo a
verbalização
idiomática, o
nascimento no solo, o
endereço, mas uma só
Pátria: a Pátria da
Fraternidade**

Plano Histórico

EQUIPA *REVUE SPIRITE*

30 Anos CEI

Conselho Espírita Internacional



28 de novembro de 1992 – 28 de novembro de 2022



Resumo

Allan Kardec publicou na Revista Espírita, em dezembro de 1868, um texto sobre a sua visão da constituição futura do Espiritismo. Concluído o corpo doutrinário, pelo qual fora responsável e devidamente sedimentados os seus princípios nas obras publicadas até então, entendia que no futuro o Espiritismo não se encontraria na mão de um indivíduo, líder ou chefe, nem tampouco a uma qualquer hierarquia a que os espíritas se devessem subordinar. Na sua visão amadurecida, de longo alcance no tempo, propunha a constituição de uma comissão central, eleita e que representasse os espíritas de todo o mundo. Analisando as suas considerações, verificamos que quando não na letra, pelo menos no espírito, essa proposta vem-se cumprindo ao longo dos anos e encontra a sua versão mais desenvolvida na constituição do Conselho Espírita Internacional, há precisamente trinta anos.



Image by Sara Barros

Palavras-chave Constituição do Espiritismo, Allan Kardec, Comissão Central, Conselho Espírita Internacional, Fraternidade.



1. Os extratos que utilizamos ao longo deste artigo foram retirados de *Obras Póstumas*, mas o texto, mais ou menos idêntico, havia sido publicado na *Revista Espírita* de dezembro de 1868 sob o título "Constituição Transitória do Espiritismo".

“No intervalo dos trinta primeiros anos, a constituição se terá completado e retificado suficientemente, para gozar de relativa estabilidade.” (Kardec 2019, 310)



Liège, Bélgica 1990

Constituição da comissão provisória

Inclusão provisória à partir da seguinte -- Egon Hamacher e Paulo César (Brasil) Roger Pires (França) Rafael Canabarro (Brasil) (Argentina) Victor Julio Ramon e Paulo Roberto Pereira de Casso (Brasil)



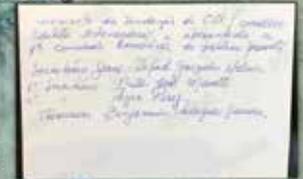
São Paulo, outubro 1991

Aprovação da proposta da comissão provisória



Madrid, 28 de novembro 1992

Fundação do Conselho Espirita Internacional e eleição da primeira comissão Executiva



Estatuto do Conselho Espirita Internacional



Miami, agosto 1994

Ata da primeira reunião oficial da Comissão Executiva do Conselho Espirita Internacional

Image by Sara Barros

Em 1868¹, Allan Kardec escrevia que “a causa fundamental da débil coesão e da instabilidade dos grupos e sociedades” tinha a ver com a falta de existência de um “laço sério” que só um “programa claramente traçado” poderia criar. Deste modo, a formação precipitada de grupos empenhados no trabalho espírita, antes da consolidação da Doutrina, mais do que efeitos benéficos, teria tido consequências desastrosas, pelas más impressões que produziria no público e pelo desânimo em que acabaria por lançar os seus adeptos, podendo retardar em muito o progresso definitivo da Doutrina.

Uma vez firmados os princípios espíritas num corpo doutrinário convenientemente estruturado em bases sólidas, seria possível a união segura em torno do ideal e o trabalho coordenado de divulgação das ideias espíritas.

Foi tendo em vista esses tempos, que se avizinhavam num futuro próximo, que o mestre de Lyon refletiu em torno do futuro do Espiritismo, chegando mesmo a elaborar um plano para esses desenvolvimentos que a Doutrina havia de ter², numa altura em que ele, Allan Kardec, não mais deveria ser a figura centralizadora e coordenadora, mas em que o Espiritismo seria entregue ao coletivo, expandindo-se por toda a Humanidade e criando caminhos próprios de preservação e desenvolvimento.

Naturalmente que Kardec lucidamente reconhecia que a "difusão e a sua instalação definitiva (poderiam) ser adiantadas ou retardadas por circunstâncias várias"; que "sobretudo no começo", teria que "lutar contra as ideias pessoais, sempre absolutas, tenazes, refratárias a se amalgamarem com as ideias dos demais; e contra a ambição dos que, a despeito de tudo, se empenham por ligar seus nomes a uma inovação qualquer; dos que criam novidades só para poderem dizer que não pensam ou agem como os outros, pois lhes sofre o amor-próprio por ocuparem uma posição secundária." No entanto, o Codificador acreditava que se por um lado o Espiritismo não poderia "escapar às fraquezas humanas, com as quais se tem de contar sempre", poderia, pelo menos, "neutralizar-lhes as consequências."

Uma das suas preocupações centrais e a "questão vital (...) para o futuro da Doutrina", era que esta, entregue a si

mesma, sem guia, pudesse ter o seu Espírito desvirtuado, pela malevolência humana.

É nestas preocupações que assenta o plano que elabora para o futuro e que tem como eixo estruturante a constituição de uma "direção central em condições, de força e estabilidade, que a ponham ao abrigo de todas as flutuações; que correspondam a todas as necessidades da causa e oponham intransponível barreira às tramas da intriga e da ambição."

Esta "direção central", havia de ser sempre coletiva, desde logo porque o peso das atividades a desenvolver excederiam as forças de uma só pessoa, e depois porque "maior garantia apresenta um conjunto de indivíduos, a cada um dos quais caiba apenas um voto e que nada podem sem o concurso mútuo, do que um só indivíduo, capaz de abusar da sua autoridade e de querer que predominem as suas ideias pessoais." Haveria, sim, um presidente, mas a quem caberia sobretudo dirigir as deliberações da comissão e velar pela execução dos trabalhos e pelo expediente. Deste modo, ficavam afastados os abusos e arbitrariedades, as ambições particulares, qualquer tipo de supremacia e, consequentemente, os pretextos para intrigas ou ciúmes.

Nas palavras do próprio Codificador, só a "comissão central (seria), pois, a cabeça, o verdadeiro chefe do Espiritismo, chefe coletivo, que nada (poderia) sem o assentimento da maioria.

Fica bem entendido que aqui se trata de autoridade moral, no que respeita à interpretação e aplicação dos princípios da Doutrina, e não de um poder disciplinar qualquer. Para o público estranho, um corpo constituído tem maior ascendente e preponderância; contra os adversários, sobre-

2. "O plano aqui exposto concebemo-lo há longo tempo, porque sempre nos preocupamos com o futuro do Espiritismo." Kardec, "Obras Póstumas", 295.



Image by Sara Barros



3. O CEI (Conselho Espírita Internacional), mantém como atribuições muitas das previstas por Allan Kardec no seu projeto para a Comissão Central, por exemplo: "Cuidar dos interesses da Doutrina e da sua propagação; manter-lhe a utilidade, pela conservação da integridade dos princípios firmados; prover ao desenvolvimento de suas consequências"; "A manutenção, a consolidação e a extensão dos laços de fraternidade entre os adeptos e as sociedades particulares dos diversos países"; "A direção da Revista"; "A publicação das obras fundamentais da Doutrina, nas condições mais favoráveis à sua vulgarização"; "A convocação dos congressos e assembleias gerais". Cf. Kardec, "Obras Póstumas", 304.

tudo, apresenta uma força de resistência e dispõe de meios de ação com que um indivíduo não poderia contar; aquele luta com vantagens infinitamente maiores. Uma individualidade está sujeita a ser atacada e aniquilada; o mesmo já não se dá com uma entidade coletiva. (...) Sobre as questões pendentes de detalhes, pouco importa que diverjam, porquanto a opinião da maioria é que prevalecerá. (...) Se algum, contrariado por não conseguir que suas ideias predominem, se retirar, nem por isso deixariam as coisas de seguir o seu curso e motivo não haveria para se lhe deplorar a saída, pois que teria dado prova de uma suscetibilidade orgulhosa, pouco espírita, e que poderia tornar-se origem de perturbações. A causa mais comum de separatividade entre cointeressados é o conflito de interesses e a possibilidade de uns suplantarem os outros, em proveito próprio. Esta causa não pode existir, do momento em que o prejuízo de um em nada aproveitará aos outros; desde que todos são solidários e somente podem perder, em vez de ganhar, com a desunião."

Estas considerações profundas, onde se espelha a exemplar lucidez e uma impecável capacidade de antecipação das dificuldades futuras, são bem características de uma alma de escol e, como tal, tão atuais hoje como há um século e meio atrás.

Na verdade, esta "comissão central", da qual Allan Kardec se via como simples elemento e à qual cederia todos os direitos das obras e da divulgação do Espiritismo, não chegou a ser constituída durante o período da sua vida. Acreditamos poder dizer-se que foi sendo ensaiada ao longo do tempo, nas estruturas institucionais que foram sendo criadas em dimensão menor, através dos centros ou grupos espíritas e posteriormente em formas de

união mais ampliadas, regionais e nacionais, como são as Federações espíritas. Mas na verdade, uma união global, capaz de atravessar as fronteiras de uma nação e ultrapassar barreiras geográficas e linguísticas só tem mesmo concretização com a criação, já nos fins do Séc. XX, de um organismo capaz de agrupar todos os países, através das instituições que, por sua vez, os representam, formadas pela filiação de núcleos, de todas as dimensões, desse país, que ali votam e decidem coletivamente.

A designação escolhida, em 28 de novembro de 1992, em Madrid, não foi "Comissão Central", mas sim Conselho Espírita Internacional, nome que parece mais expressivo daquilo que realmente se pretendia, mas que foi sem dúvida inspirado no mesmo espírito de união e de amplitude que previa Kardec, reunindo condições de excelência para unir os espíritas de todo o mundo sob um mesmo ideal, oferecer-lhes meios de comunicação entre si, estabelecer entre eles laços de fraternidade e promover e apoiar a divulgação espírita por toda a Humanidade³.

Isto acontece através dos encontros, realizados em Congressos e em reuniões formais, em cursos ou formações, fundamentais para que a união dos espíritas se fortaleça e possam, de modo mais eficiente, desenvolver o trabalho de difusão da Doutrina Espírita, tanto em cada um dos países como a nível global.

A Comissão Executiva do CEI não possui nem poder, nem comando na tomada de decisões, tendo, apenas, a função de executar o trabalho de difusão da Doutrina Espírita, dentro

das diretrizes estabelecidas no seu Estatuto, bem como nas Reuniões Gerais compostas pelas Instituições-membros do CEI (Instituições Federativas Espíritas Nacionais que representam os seus respetivos países), de onde emanam as decisões. Todas essas instituições-membros participam das decisões em igualdade de condições, independentemente do tamanho do Movimento Espírita que representam, uma vez que o princípio basilar que norteia a organização do CEI é o da colaboração e apoio recíprocos, objetivos fundamentais do trabalho de unificação do Movimento Espírita, que procura refletir nas suas atividades a vivência do Evangelho à luz da Doutrina Espírita. Deste modo surge a entreaajuda, o apoio às necessidades de cada um, mas sempre com respeito recíproco pela autonomia administrativa, as características culturais e a liberdade de ação.

Além disso, são ainda acolhidos pelo CEI alguns membros observadores, representados, muitas vezes, por pequenos grupos espíritas, alguns ainda em formação, e que procuram fortalecer os seus conhecimentos da Doutrina e do Movimento Espíritas, receber apoio e sentirem-se amparados no seu esforço de vivência espírita.

Toda esta estrutura apoia-se e reforça-se nas palavras do próprio Codificador quando refere: "Os espíritas do mundo todo terão princípios comuns, que os ligarão à grande família pelo sagrado laço da fraternidade, mas cujas aplicações variarão segundo as regiões, sem que, por isso, a unidade fundamental se rompa; sem que se formem seitas dissidentes a atirar pedras e lançar anátemas

umas às outras, o que seria absolutamente antiespírita”.

“Cada um regula como entende os respetivos trabalhos. Permutam suas observações e cada um se utiliza da Ciência e das descobertas dos outros. Assim acontecerá com os centros gerais do Espiritismo; serão os observatórios do Mundo Invisível, que permutarão entre si o que obtiverem de bom e de aplicável aos costumes dos países onde funcionarem, uma vez que o objetivo que eles colimam é o bem da Humanidade, e não a satisfação de ambições pessoais. O Espiritismo é uma questão de fundo; prender-se à forma seria puerilidade indigna da grandeza do assunto. Daí vem que os centros que se acharem penetrados do verdadeiro espírito do Espiritismo deverão estender as mãos uns aos outros, fraternalmente, e unir-se para combater os inimigos comuns: a incredulidade e o fanatismo.”

Claro que Allan Kardec não desconhecia que haveria sempre os que “nenhuma autoridade admitem” e por isso, nem todos os que se qualificassem de espíritas aceitariam esta organização.

Sem sombra de preocupação com o assunto, ele refere que “ela existirá apenas para os que a aceitarem livremente e voluntariamente, porquanto não nutrirá a pretensão de impor-se a quem quer que seja. Uma vez que o Espiritismo não é compreendido da mesma forma por toda a gente, a constituição apela para os que encaram do seu ponto de vista, com o objetivo de lhe dar apoio, quando se achem isolados, e de fortalecer os laços da grande família pela unidade da crença. Mas fiel ao princípio de liberdade de consciência, que a Doutrina proclama como direito natural, ela respeitará todas as convic-

ções sinceras e não anatematizará os que sustentem ideias diferentes das suas, nem deixará de aproveitar as luzes que possam brilhar fora do seu seio.”

Dos nove países fundadores, o CEI integra hoje um total de vinte e dois países, que se vêm gradualmente integrando e cooperando fraternalmente, convivendo como irmãos de diferentes pátrias, por amor à Doutrina Espírita, permutando informações e experiências destinadas a aprimorar a tarefa de colocar a Mensagem Espírita ao alcance e ao serviço de toda a Humanidade.

Os benfeitores espirituais frequentemente alertam para a existência, no mundo, de muitas pessoas em condições de compreender e aceitar a Doutrina Espírita. Cabe, por isso, aos espíritas encarnados, de todos os recantos do planeta, uma ação que permita que o Espiritismo chegue até elas.

Terminamos, uma vez mais com as palavras do Codificador, referindo que se esta direção central existe é para “dar mais força aos que caminharem de comum acordo para a realização do grande objetivo humanitário que o Espiritismo há-de alcançar. Eles se conhecerão e estenderão mutuamente as mãos, de um extremo a outro do mundo.”

Bibliografia

KARDEC, Allan. 2019. *Obras Póstumas*. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 2004. “Constituição Transitória do Espiritismo”. *Revista Espírita*. Brasília: FEB. (Ano XI, N. 12 (Dez. 1868): 504-538.

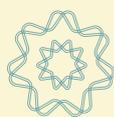


CEI



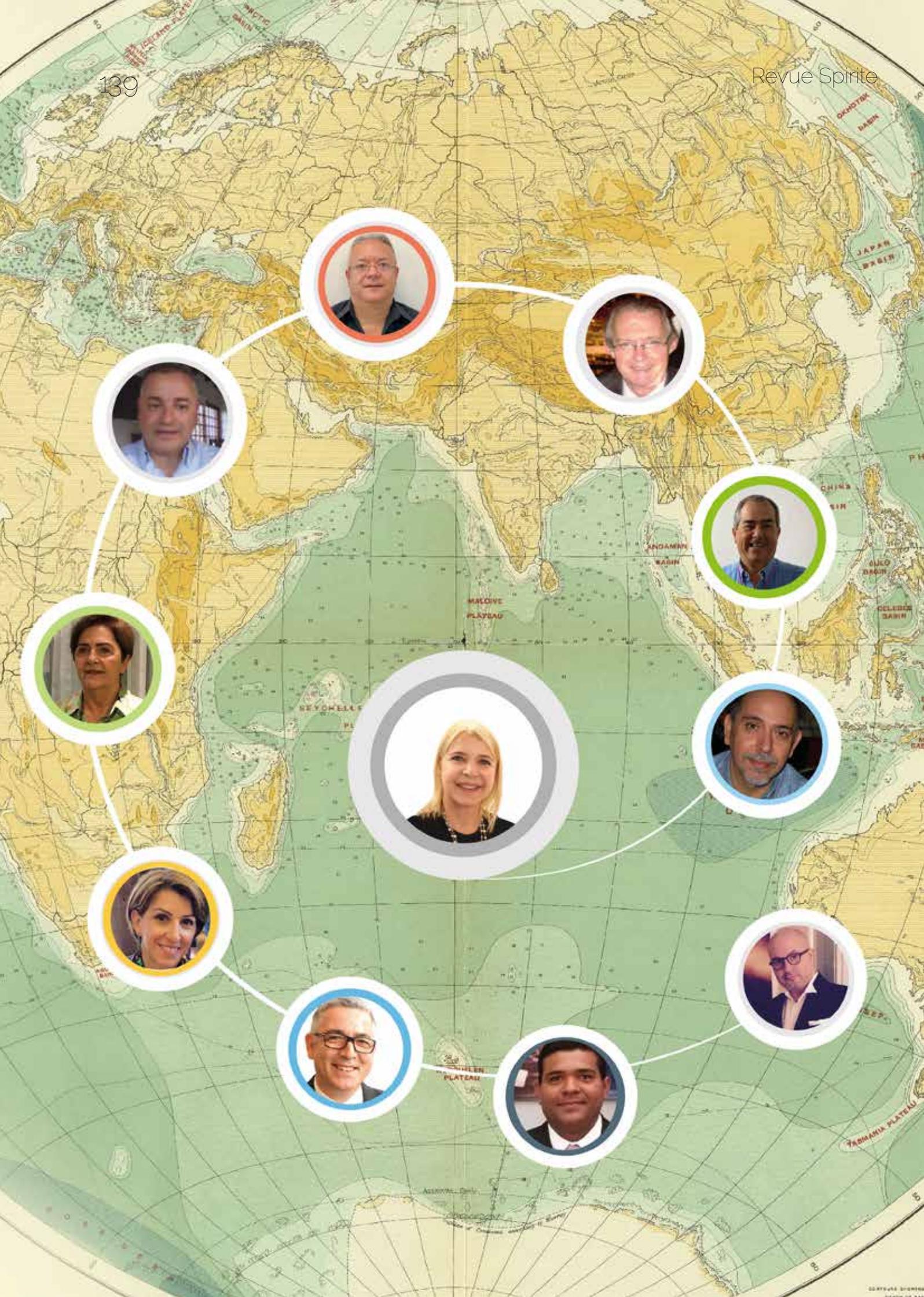
CONSELHO
ESPÍRITA
INTERNACIONAL

Entre vista Comissão Executiva



30º Aniversário do CEI - 1992-2022







Entrevista

1 - Qual foi a ideia que presidiu à criação de um Conselho Internacional de Federações Espíritas?

A ideia da criação de um organismo para cuidar dos interesses do Movimento Espírita em âmbito internacional surgiu no Congresso de Brasília de 1989, promovido pela Federação Espírita Brasileira. Depois das Grandes Guerras e final dos regimes autoritários europeus, com base no interesse pela expansão do Espiritismo, dirigentes espíritas europeus solicitaram a formação de uma organização espírita internacional.

O entusiasmo contagiante e o clima verdadeiramente fraterno entre

espíritas procedentes de diferentes regiões do Brasil e do mundo neste Congresso, os levaram a esta solicitação. Foram tomadas providências de ordem prática para que, logo adiante, pudesse ser criada a estrutura esperada por seus idealizadores. Isto veio a ocorrer durante o Congresso de Madrid, em 28 de novembro de 1992, surgindo o Conselho Espírita Internacional (CEI).

A fundação do CEI foi muito importante pois fomentou, por sua vez, a fundação da maioria das Federações Nacionais que hoje existem no Movimento Internacional.



2 - Quais os países que em 1992 iniciaram o CEI?

Inicialmente o CEI foi fundado por 9 países-membros. Por ordem alfabética: Argentina, representada por Juan Antonio Durante; Brasil, representado por Nestor João Masotti; Espanha, representada por Rafael González Molina; Estados Unidos da América, representados por Benjamin Rodriguez Barrera; França, representada por Roger Pérez; Guatemala, representada por Genaro Bravo Rabanales; Inglaterra, representada por Janet Duncan; Itália, representada por Domenico Romagnolo e Portugal, representado por Manuel Santos Rosa.



3 - Poderiam partilhar connosco quais os atuais países membros do CEI?

Hoje temos 22 países no CEI: Alemanha; Argentina; Bolívia; Brasil; Bolívia; Canadá; Chile; Cuba; El Salvador; Espanha; Estados Unidos da América; França; Guatemala; Holanda; Itália; Irlanda; México; Peru; Portugal; Suécia; Suíça; Uruguai e Venezuela.

E brevemente teremos também a Federação Espírita da Austrália como membro.

4 - Existem continentes que ainda não estão representados por nenhum país, a que se deve esta ausência?

Conforme aprovado na Assembleia Geral do CEI de 27/9/2021, o projeto de reimplementar a inclusão de "países observadores" já está em curso. Dessa forma, os continentes da Ásia e da África poderão também beneficiar de todo um trabalho de união.

Como nestes continentes ainda não existem Federativas Espíritas Nacionais, de acordo com os estatutos do CEI, eles não podem integrar o quadro de membros efetivos. No entanto, como observadores, poderão participar das Assembleias Gerais e trabalhar de forma mais integrada.

5 - Quais consideram ser as diferenças fundamentais entre o CEI criado há 30 anos e o CEI de hoje?

A princípio havia a necessidade de fazer todo um trabalho de base para, aos poucos, chegar às organizações espalhadas por tantos países e comunicando-se em tantos idiomas diferentes. Conforme citado acima, a maioria dos países nem possuía ainda uma federativa nacional. Tornaram-se necessárias visitas aos locais para aclarar os propósitos e auxiliar no processo de união e unificação.

Faz parte dos estatutos do CEI as finalidades essenciais que são:



Entrevista

I - Promover a união solidária e fraterna das Instituições Espíritas de todos os países e a Unificação do Movimento Espirita Mundial; II - Promover o estudo e a difusão da Doutrina Espírita, no mundo, em seus três aspectos básicos: científico, filosófico e religioso; III - Promover a prática da caridade espiritual, moral e material à luz da Doutrina Espírita.

As finalidades e objetivos do CEI fundamentam-se na Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec e nas obras que, seguindo suas diretrizes, lhe são complementares e subsidiárias.

Hoje graças a todo o trabalho realizado ao longo de 30 anos, já podemos contar com a participação mais ativa dos países em todos os projetos desenvolvidos com a finalidade de um bem comum.

6 - Existem diferentes Áreas dentro do CEI. De um modo geral, que ações prioritárias têm vindo a ser levadas a cabo por cada uma delas?

Desde que foram aprovados os novos Estatutos do CEI na Assembleia Geral realizada na cidade do México, em outubro de 2019, o CEI vem operando, além das Áreas especificamente ligadas à administração geral (secretaria geral, primeira secretaria, segunda secretaria, primeira tesouraria e segunda tesouraria), com sete áreas mais específicas. São elas: I – Administração da Casa Espírita; II – Estudo do Espiritismo; III - Estudo e Prática da Mediunidade; IV - Infância, Juventude e Família; V - Atendimento Espiritual; VI - Assistência e Promoção Social Espírita e VII - Comunicação Social Espírita.

Essas Áreas são, de momento, gerenciadas pelos representantes dos





países eleitos durante a Assembleia Geral de outubro de 2019, e contam com a colaboração de equipas com representantes da maioria dos países membros. É um trabalho de união e construção conjunta.

7 - Quais os principais desafios que o CEI enfrenta de momento?

Para a unificação do Movimento Espírita, hoje, a comunicação virtual nos permite unir pensamentos e pessoas de todo o mundo, mas ao mesmo tempo permite que o trabalho dos detratores do Espiritismo seja mais difundido.

É mais necessário do que nunca que o CEI dê visibilidade mundial à Doutrina Espírita, apoiando TODOS os países e oferecendo o que eles possam precisar, de acordo com suas necessidades.

8 - E quais os principais objetivos nos quais se encontra mais focado?

Que o Espiritismo seja estabelecido como um exemplo de vida cristã e que a vida após a desencarnação e a comunicabilidade dos Espíritos sejam encaradas como algo normal.

9 - Que balanço fazem deste vosso mandato?

Nos seus trinta anos de existência o CEI passou por diversas fases. Como toda edificação bem estruturada, uma organização como o CEI requereu um desenvolvimento em vários estágios.

Nos seus primeiros anos de existência o foco era estabelecer uma base administrativa sólida e acompanhar mais de perto a formação das federativas nacionais de vários países. Naquela época, poucos países possuíam federações nacionais. Com isto o CEI pôde observar melhor as necessidades peculiares de cada país, seus costumes e assim trabalhar em planos de ação que pudessem contemplar estas necessidades. Logo foi reconhecida a carência de obras espíritas nos diversos idiomas, bem como a distribuição das obras que já haviam sido traduzidas. Um esforço neste sentido foi ampliado a partir do ano 2000.

Ficou patente também a importância dos Congressos Mundiais para fomentar ainda mais o espírito de solidariedade e fraternidade entre seus países membros, o que resultou em maior unificação. Os percalços não foram poucos, mas o comprometimento em servir a causa espírita sempre possibilitou que eles fossem superados.

No mandato de 2019 a 2022, também não foram poucos os desafios. Na reunião da Assembleia Geral de outubro de 2019, que empossou uma nova diretoria executiva, também foi aprovado um novo modelo de estatutos, bem diferente nas questões administrativas. Iniciou-se um trabalho mais ativo nas sete áreas mencionadas na pergunta 6, com a participação de vários países membros



em cada uma delas. Muitos projetos foram promovidos por todas elas, ampliando ainda mais a conexão internacional. Houve a preocupação de trabalharmos em vários idiomas. Eventos e ações foram feitos em pelo menos cinco línguas diferentes. Também foi totalmente reformulada a publicação e distribuição da Revue Spirite (em sete idiomas diferentes), inclusive com já dois livros publicados, como resultado destas publicações. Ainda há muito trabalho a ser realizado mas, no nosso entender, as bases estão cada vez mais sólidas e integralmente fundamentadas em Jesus e Kardec.

10 - Poderiam dizer-nos 3 objetivos a médio/ longo prazo, que considerem fundamentais?

Com a estrutura atual, trabalhar com os países que ainda não são mem-

bros afiliados para aderirem como países observadores e iniciar o processo de integração.

Continuar a ação por áreas e identificar os problemas que os países apresentam em seu trabalho.

Consolidar a presença do CEI em cada um dos países membros, para que sintam que têm o apoio de uma instituição global.

11. Desde quando é que começaram a ser realizados os Congressos Mundiais Espíritas, promovidos pelo CEI?

Os Congressos Mundiais Espíritas passaram a ser organizados pelo Conselho Espírita Internacional (CEI), a partir de 1995. O estímulo à organização destes Congressos num dado país trouxe um novo ânimo às federativas e aos grupos isolados que se





uniram. Eliminaram-se muitas fronteiras, na união de propósitos de fortalecimento e divulgação do Espiritismo entre todas as nações.

A lista dos Congressos realizados desde então é a seguinte:

1995 - 1º Congresso Espírita Mundial - Brasília - Brasil

1998 - 2º Congresso Espírita Mundial - Lisboa - Portugal

2001 - 3º Congresso Espírita Mundial - Cidade da Guatemala

2004 - 4º Congresso Espírita Mundial - Paris - França

2007 - 5º Congresso Espírita Mundial - Cartagena de Índias- Colômbia

2010 - 6º Congresso Espírita Mundial

- Valência - Espanha.

2013 - 7º Congresso Espírita Mundial - Havana - Cuba

2016 - 8º Congresso Espírita Mundial - Lisboa - Portugal

2019 - 9º Congresso Espírita Mundial - Cidade do México - México

2022 - 10º Congresso Espírita Mundial - França - VIRTUAL

12 - Poderiam formular, numa palavra, um desejo para os próximos 30 anos de CEI?

Unificação, fraternidade, dinamização, esperança, comprometimento, trabalho, alegria, perseverança, abnegação e luz.



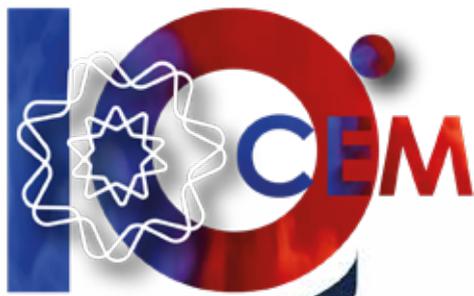
Reforma **Íntima**

14, 15 e 16 outubro 2022

On-line

Espiritismo e Sociedade

Organizado pela **Union Spirite Française et Francophone**,
sob a coordenação do **Conselho Espírita Internacional** e a
sua Comissão Executiva.



Reforma Íntima

A Reforma Íntima ou a Transformação Interior são expressões particularmente significativas para todos os espíritas, porque tal como Allan Kardec definiu, "O objectivo essencial do Espiritismo é a melhoria dos homens. Apenas aquilo que pode ajudar ao progresso moral e intelectual deve ser procurado." (Kardec, *O Espiritismo em Sua Expressão Mais Simples*).

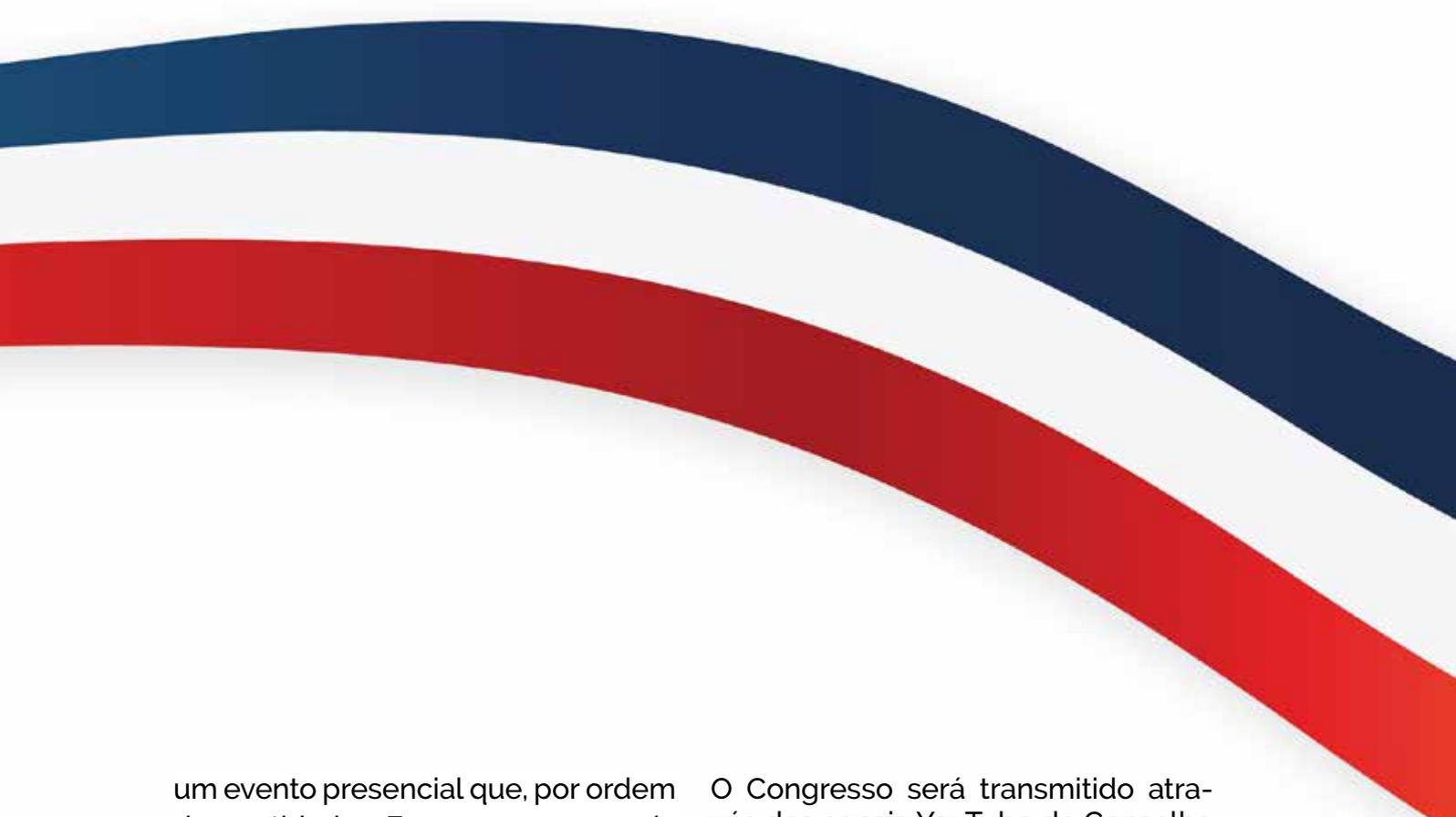
A reforma íntima é o dever de cada Espírito neste mundo! É a renovação das esperanças interiores, visando o fortalecimento da fé, a consolidação do amor e a busca incessante do per-

ção. Esta reforma é uma edificação permanente dos valores morais que nos orientam para a perfeição do Ser em todas as situações da vida.

O 10º CEM é 100% VIRTUAL

Esta é a primeira vez na história do Conselho Espírita Internacional (CEI) que um Congresso Mundial será inteiramente virtual.

Após a pandemia e as suas incertezas, foi necessário adaptar e evitar os riscos sanitários na organização de



um evento presencial que, por ordem das entidades Francesas responsáveis, poderia vir a ser cancelado.

A Comissão Executiva aprovou, assim, uma organização virtual, que permite uma difusão mais ampla e abrangente, capaz de chegar a todo o mundo, sem custos nem distâncias para o grande público, abrindo uma nova era de comunicação.

Não há portanto um local físico de reunião e não existirão encontros presenciais organizados.

O Congresso será transmitido através dos canais YouTube do Conselho Espírita Internacional, da Union Spirite Française et Francophone – canais oficiais; assim como todos os parceiros de transmissão que desejem apoiar o evento através de seu próprio canal YouTube.

O Congresso é totalmente gratuito. Tudo o que tem que fazer é escolher o canal do YouTube que deseja utilizar para participar do evento, conectar-se e assistir.

Difusão mundial exclusivamente no YouTube



Divaldo Franco
Brasil



Jussara Korngold
Estados Unidos da América



Edwin Bravo
Guatemala



Richard Buono
França



Jorge Elarrat
Brasil

Programa

Reforma Íntima

Sexta-feira, 14 de Outubro de 2022
(hora de Paris: GMT+1)

19h00 | Abertura do 10º CEM

19h15 | Abertura Divaldo Pereira Franco (Brasil)

19h30 | Palestra #1 Jorge Elarrat (Brasil) | "Reforma íntima ao longo da história presente nas três revelações"

20h15 | Intervalo

20h30 | Mesa Redonda 1 (Português) | "Porque sofremos? A necessidade de uma reforma íntima"

21h15 | Encerramento do 1º dia

Sábado, 15 de Outubro de 2022
(hora de Paris: GMT+1)

15h00 | Abertura do 2º dia

15h05 | Palestra #2 Richard Buono (França) | "Conheça-se a si mesmo: O ponto de partida da reforma íntima"

15h50 | Intervalo

16h00 | Mesa redonda 2 (Francês) | "A reforma íntima na vida quotidiana do século XXI"

16h45 | Fim da parte 1 do 2º dia

18h00 | Início da parte 2 do 2º dia

18h05 | Mesa redonda 3 (Português) | "A Reforma íntima na educação moral dos jovens e das crianças"

Mesas Redondas

35 participantes

22 países representados

Outubro
14,15 e 16
2022 On-line

18h50 | Intervalo

19h00 | Palestra #3 Jussara Korn-
gold (Estado Unidos da América)
"Reforma Íntima no sermão da mon-
tanha"

19h45 | Intervalo

20h00 | Mesa Redonda 4 (Inglês) |
"Reforma íntima e mediunidade"

20h45 | Encerramento do 2º dia

Domingo 16 de Outubro de 2022
(hora de Paris: GMT+1)

15h00 | Abertura do 3º dia

15h05 | Palestra #4 Edwin Bra-
vo (Guatemala) | "Reforma íntima e
obsessão"

15h50 | Intervalo

16h00 | Mesa redonda 5 (Espanhol) |
"A reforma íntima da Humanidade: A
vinda do Reino dos Céus"

16h45 | Intervalo

17h00 | Mesa redonda 6 (Espanhol) |
"A reforma íntima e a lei do progres-
so"

17h45 | Fim da parte 1 do 3º dia

19h50 | Início da parte 2 do 3º dia

20h00 | Palestra #5 Divaldo Franco
(Brasil) | "A reforma íntima"

21h00 | Encerramento do 10º CEM

Informações para contacto

E-mail - congres@usff.fr

Notícias

01. CAMPANHA COMECE PELO COMEÇO

Iniciada em 1972 pela União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo e retomada em 2014 após aprovação para desenvolvimento pelo Conselho Federativo Nacional da FEB, a Campanha Comece pelo Começo objetiva a valorização das obras da Codificação, base para os estudos doutrinários.

Promovida pelo CEI desde 2020, a Campanha ganhou um âmbito mundial, centrando os estudos espíritas no trabalho de Allan Kardec.

02. II CONGRESSO ESPÍRITA PARA CRIANÇAS E JOVENS

Realizou-se, no dia 18 de setembro de 2022, o II Congresso Espírita Juvenil da América Central, Espanha, México, Panamá e Caribe.

O tema central do Congresso "Sou jovem, sou feliz!", fundamenta-se no princípio de que toda a educação moral e espiritual das crianças e jovens tem como consequência os bons exemplos que estes passam a dar.

Este Congresso foi realizado pela Escuela Heliosófica "Luz Y Caridade", da Guatemala, em comemoração dos seus 87 anos.

03. LANÇAMENTO CEI

O CEI lançou, em julho, o livro "Antologia de reflexões espíritas sobre a Imortalidade do Espírito, sob os ângulos científico, filosófico e religioso", reunindo textos sobre o assunto publicados originalmente na *Revue Spirite*, entre outubro de 2021 e julho de 2022.

04. SEMENTES DO FUTURO - FORMAÇÃO CONTINUADA DE EVANGELIZADORES/EDUCADORES ESPÍRITAS

A Área de Infância, Juventude e Família do CEI vai realizar, no dia 05 de novembro de 2022, uma Live em formato de Mesa Redonda - "Conversando Sobre Família".

Os temas abordados serão: "A Importância da Família na Educação Moral das Crianças e dos Jovens" e "Implantação de Grupos de Família na Instituição Espírita".



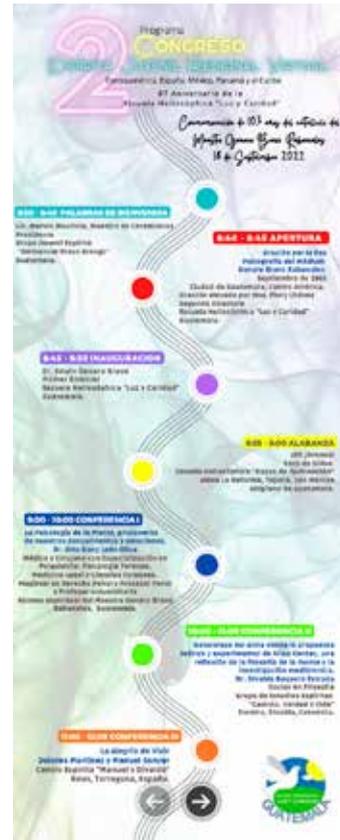
01



02



03



02



04

05 ● CAMPANHA SETEMBRO AMARELO

O dia 10 de setembro é, oficialmente, o Dia Mundial de Prevenção do Suicídio, uma iniciativa da Associação Internacional para a Prevenção do Suicídio e da Organização Mundial de Saúde.

Integrando o movimento a favor da vida que se verifica especialmente durante este mês, a Federação Espírita Portuguesa, assim como a Federação Espírita Brasileira lançaram nas suas redes sociais mensagens de reflexão sobre a vida.

Clique aqui para aceder aos materiais da campanha FEP

Clique aqui para aceder aos materiais da campanha FEB



05

06 ● 10°CEM

O **10° Congresso Espírita Mundial** decorre nos **dias 14, 15 e 16 de Outubro 2022**, um evento totalmente online, com transmissão gratuita nos canais youtube dos organizadores, federações afiliadas e outros canais parceiros, tornando este evento num marco muito especial na história do Movimento Espírita Mundial.

Não é necessária inscrição prévia!

Acompanhe a programação na página www.10cem.com

Representantes do Movimento Espírita Internacional estarão presentes em palestras e mesas redondas, abordando o tema central "**A reforma íntima**" ou "**A transformação interior**" sob diferentes aspectos.

Nomes como Divaldo Franco, Jorge Elarrat, Richard Buono, Edwin Bravo e Jussara Korngold já estão confirmados.

Guarde estas datas e participe de um momento histórico do Movimento Espírita Mundial.

CEI



COMISSÃO EXECUTIVA DO CEI
TRIÊNIO DE 2019 - 2022

Conselho Espírita Internacional





Social Media

Facebook

Instagram

Youtube

Online

<https://cei-spiritistcouncil.com>

revuespirite@cei-spiritistcouncil.com

